

O SÉCULO ILUSTRADO

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BELÉM

Nº 1896
1-5-74

CONTINENTE E ILHAS 10\$00 FRANÇA 4 fr CANADA 65 cts
POR AVIAO ANGOLA 17\$50 MOÇAMBIQUE 20\$00



"O POVO UNIDO
JAMAIS SERA VENCIDO"

Havia, para já, que referendar a actuação do Movimento das Forças Armadas. Parcelarmente, no dia-a-dia desde 25 de Abril, isso ia acontecendo. Mas quê, para não haver confusões, ou dúvidas, para não se poder falar em minorias politizadas que conduziam, oportunisticamente, um povo sem opinião, não bastavam (?) as manifestações de milhares, dezenas de milhares de pessoas a que Lisboa, como o resto do País, assistia a todo o momento: a chegada de Mário Soares, de Alvaro Cunhal, as ruas permanentemente pejudadas de gente que vitoriava os bravos militares, os cravos nas lapelas, o trocar de risos e abraços, tão significativos? A Junta de Salvação Nacional necessitava, de facto, de uma prova cabal e definitiva do apoio do povo português ao seu programa revolucionário. Teve-a durante um primeiro de Maio memorável, extraordinário, convocado pelos sindicatos nacionais, quase todos, e a que deram adesão pública a C. D. E., o Partido Comunista e o Partido Socialista.

Tarefa ingrata, esta de escrever sobre o grande dia. Só porque dificilmente as palavras poderão ter força suficiente para retratar com fidelidade, desapaixonada que seja, o ambiente que se viveu. Melhor que elas, as fotografias não deixam margem para dúvidas.

Embora a manifestação estivesse marcada para as 15 horas, logo pela manhã o povo de Lisboa saiu para a rua, para a festa. De carro, a pé, vermelhas de cravos, empunhando bandeiras portuguesas e VV de toda a espécie (grande utilização foi dada, para o efeito, aos triângulos de pré-sinalização), as gentes "ocuparam" a cidade. Alegrementemente, vitoriosamente. Nem as crianças ficaram em casa. Vimo-las, aos milhares, desafiando toda e qualquer tentativa de provocação, possível mas não provável, das forças reaccionárias.

Tanto se falou, durante anos e anos, da falta de civismo dos portugueses, da sua impreparação para a democracia e total liberdade. Tudo isso foi ontem desmentido. Quem o duvida?

A partir das 14 horas, começaram a convergir para a Alameda D. Afonso Henriques, por todos acessos possíveis, os trabalhadores de Lisboa que, segundo a opinião abalizada de elementos da televisão francesa, bem habituados que estão a cálculos deste tipo, iriam totalizar aproximadamente meio milhão. Certo é que, mesmo num ponto alto, quem estivesse no meio dos manifestantes não poderia ver, de forma alguma, o final da enorme massa de gente, estendendo-se em todas as direcções.

Muitas centenas de cartazes, dos teores mais diversos, coloriam e davam significado à concentração: "Poder aos Operários e Trabalhadores", "Viva a Junta de Salvação Nacional", "Vingue-se a Morte de Humberto Delgado", "Frente Libertária", "Agora Sim, Portugal É Nosso", "Imprensa com Censura É Povo sem Verdade", "Viva o P.C.P.", "Socialismo", "Viva o General Spínola", etc. — sinal evidente da liberdade que se vive neste momento. Aquela que todos pretendem defender, custe o que custar. Mesmo todos?



Comovente foi para os jovens de todas as idades o Primeiro de Maio de 1974

Foto Eduardo Gageiro

Ao longo do percurso até ao estádio da F.N.A.T., agora Estádio Primeiro de Maio, nas janelas engalanadas de flores, colchas coloridas e dísticos vitoriosos, milhares e milhares de pessoas associavam-se à manifestação. Aplausos da rua para as janelas e vice-versa, um calor humano nunca visto, lágrimas de alegria, incontáveis, saudavelmente sinceras, nos olhos de quase todos. Dedos trémulos de velhos que, a custo, se levantavam num V emocionado, ainda esperançoso.

Nas janelas de um rés-do-chão da Avenida do Aeroporto, uma instalação sonora improvisada lançava à rua uma "Grândola, Vila Morena" que o povo chamou sua, longamente. Ao lado, um "serviço" de abastecimento de água fresca aos manifestantes mais "secos" de gritar. No meio de todo este ambiente de grande alegria, os militares, atentos na defesa da ordem (ocupando, inclusive, os telhados mais altos dos pontos mais estratégicos), eram continuamente vitorizados.

Alternando com frases de significado político imediato — "Poder aos Trabalhadores", "O Povo Unido jamais Será Vencido", "Abaixo a Guerra Colonial", "Regresso dos Soldados", tantas outras —, a enorme festa do Primeiro de Maio engendrou canções populares de jocoso sentido crítico: "É mau, é mau, é mau, é mesmo mau, o malandro do Tenreiro não nos dava bacalhau." Tudo isto, muito mais ainda, sem a mínima alteração, num clima de civismo e fraternidade que, por si só, nos faz merecedores da felicidade e esperança que ora vivemos.

O estádio foi pequeno, minúsculo mesmo, para conter a multidão. Aí falaram dirigentes sindicais, Pereira de Moura, Mário Soares, Álvaro Cunhal, representantes do sindicalismo internacional. Aí se fez o ponto político da situação actual, se ponderaram medidas futuras, se afirmou fé inabalável num futuro construído por todos, sem restrições de qualquer espécie.

Eram 20 horas quando as pessoas começaram a abandonar o recinto. Mas não o Primeiro de Maio. Lisboa fora, noite fora, sempre a festa. Indescrevível. Longas filas de carros ruidosos, floridos, apinhados de gente. Civiis e militares abraçados, cantando, cantando. Pelas duas da madrugada continuava a festa. Bem como a revolução, evidentemente.

Foto Fernando Baião

O futuro próximo

A situação resultante do golpe de Estado de 25 de Abril colocava, em meados desta semana, uma questão central: quem vai e como se vai formar o novo Governo, tendo em conta que este sairá, segundo tudo indica, dos sectores da até aqui oposição e que esta inclui várias tendências partidárias, nalguns casos com posições de fundo notoriamente divergentes. Que choques se vão dar, que compromissos vão ter de se assumir, que vai resultar daí?

Pretende-se aqui fazer um primeiro registo crítico das reacções partidárias reveladas após o Movimento e, face a ele, sublinhar-lhes o significado provável e enquadrá-las com as posições anteriormente definidas por cada uma das organizações, mais de perto os partidos Comunista e Socialista. O esboço pode aproximar uma resposta a algumas das perguntas subjacentes àquela questão central.

PARTIDO COMUNISTA

Imediatamente após o movimento militar de 25 de Abril, o Partido Comunista Português divulgava um documento em que saudava calorosamente o Movimento das Forças Armadas porque este abria reais perspectivas para que, num curto prazo, *seja liquidada a ditadura fascista, seja posto fim à guerra colonial e seja instaurado em Portugal um regime democrático.*

A leitura do documento deixa ver que o P. C. P. dá o seu apoio aos objectivos de base do programa da Junta de Salvação Militar e ao modo como esta pensa concretizá-lo.

Assim: no que respeita ao primeiro ponto — liquidação da ditadura fascista —, sublinham-se como indicadores da autenticidade dos propósitos da Junta os primeiros passos já dados com vista à dissolução do ex-regime (destituição da P. I. D. E.-D. G. S., libertação dos presos políticos, regresso dos exilados, liberdade de movimentos no trabalho democrático, permissão do exercício das liberdades individuais, etc.) e considera-se fundamental a realização de eleições livres.





Foto Fernando Baía

Duas imagens obtidas pelos nossos repórteres: dois testemunhos de alegria que percorreu todo o País



Foto Eduardo Gageiro

As algemas foram quebradas
— quer este homem gritar



Diz-se, a este propósito:

A realização de eleições livres para uma Assembleia Constituinte será um passo de capital importância para abrir um processo de transformações democráticas da sociedade portuguesa. Sob nenhum pretexto esse objectivo deve ser desvirtuado.

Eleições livres terão de implicar uma lei eleitoral democrática, um recenseamento honesto controlado pelo povo, o direito de actuação dos partidos políticos, as liberdades de imprensa, de propaganda e de reunião e a fiscalização efectiva do acto eleitoral.

Na situação específica agora existente, a melhor garantia para a realização de eleições realmente livres seria a constituição de um Governo provisório com a representação de todas as forças e sectores políticos democráticos e liberais. O P. C. P. declara-se pronto a assumir as responsabilidades respectivas.

No que respeita ao segundo ponto — guerra colonial —, "o P. C. P. insiste em que urge abrir negociações e pôr rapidamente fim à guerra colonial, no reconhecimento do direito à imediata e completa independência dos povos submetidos ao colonialismo português". Quaisquer projectos que visassem manter, sob novas formas, a dominação colonial portuguesa não só não contribuiriam para

a solução do problema como conduziriam inevitavelmente a um novo agravamento da situação económica, social e política em Portugal.

"O povo português deve ser chamado a dizer a última palavra em relação à política a seguir num tão magno problema".

Quanto ao terceiro ponto — instauração em Portugal de um regime democrático —, o documento adverte contra quaisquer propósitos de discriminação anticomunista e considera que a legalidade do P. C. P. será o verdadeiro critério da instauração das liberdades democráticas em Portugal. Tudo isto não chega para definir de que regime democrático fala, no documento divulgado, o P. C. P., mas o texto não vai mais longe. Terá de ser na literatura do Partido que podemos encontrar elementos esclarecedores. Num livro publicado clandestinamente no final de 1970, "O Radicalismo Pequeno-Burguês de Fachada Socialista", escrevia Álvaro Cunhal, no capítulo "Tarefas Políticas Imediatas, a Etapa da Revolução e a Revolução Socialista": "[...] O P. C. P. não indica apenas etapas da revolução, mas afirma ainda que cada etapa tem fases diversas, que não podem estabelecer-se segundo esquemas, que apresentem sempre novidades e imprevistos, que constituem um processo complexo e irregular, mas que exigem se defina o alvo do golpe principal, o objectivo

imediato fundamental, de que depende, num dado momento, o prosseguimento e o desenvolvimento do processo revolucionário.

O P. C. P. coloca, entre os primeiros objectivos da revolução na actual etapa, a conquista das liberdades fundamentais, entre as quais o direito à constituição dos partidos políticos. Mas, no imediato, insistindo-se neste objectivo, a reclamação mobilizadora é o reconhecimento do direito à Oposição democrática de criar as suas estruturas, desenvolver uma acção política, difundir os seus documentos, ter a sua imprensa.

O P. C. P. coloca como objectivo a conquista da liberdade sindical. Mas, no imediato, insistindo-se neste objectivo, a reclamação mobilizadora é a realização de eleições sérias nos Sindicatos Nacionais e o respeito pelas votações e decisões dos trabalhadores.

O P. C. P. coloca, entre os objectivos da revolução na actual etapa, o reconhecimento aos povos das colónias portuguesas do direito à completa e imediata independência. Mas, no imediato, insistindo-se neste objectivo, as reclamações mobilizadoras são o fim da guerra colonial e a abertura de negociações com os legítimos representantes dos povos de Angola, Guiné e Moçambique. E assim sucessivamente.



Imagens como esta podiam ser obtidas facilmente nas ruas de Lisboa, no primeiro dia de Maio

PARTIDO SOCIALISTA

O primeiro comunicado do Partido Socialista Português após o movimento de 25 de Abril considera que o programa do Movimento das Forças Armadas publicamente divulgado e o compromisso tomado perante ele pela Junta de Salvação Nacional garantem uma via para o restabelecimento da Democracia em Portugal. Daí o seu apoio ao programa da Junta Militar. E define como objectivos mais urgentes da Nação, além dos que já constam do programa, aqueles que anularão as características de um regime fascista e colonialista: cessar fogo nas colónias, abertura de negociações com o Estado da Guiné-Bissau e os movimentos de libertação de Angola e Moçambique, na base do reconhecimento dos direitos e regalias dos povos à autodeterminação e à independência, amnistias, eleições por sufrágio universal, etc.

COMISSÃO DEMOCRÁTICA ELEITORAL

Por sua vez, a C. D. E. de Lisboa distribuiu um comunicado em 30 de Abril que diz ser imperioso

acelerar a adopção de medidas conducentes à institucionalização de um regime democrático e ser indispensável prosseguir e acelerar a desmontagem do regime fascista. Propõe para o efeito uma série de medidas de ordem político-administrativa.

É de resto conhecida a ligação, trabalhando na legalidade e semilegalidade, da C. D. E. com as posições de base do P. C. P.

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

Diferentes são as posições de outras organizações, até aqui também clandestinas, no que respeita ao momento resultante do golpe de Estado de 25 de Abril.

Para o Partido Revolucionário do Proletariado, a atitude a adoptar deve ser a de *nem provocação nem apoio. Nem actos isolados que possam estabelecer a confusão e aproveitar à burguesia nem atitudes de apoio que mascarem os verdadeiros interesses em jogo.*

Segundo o Partido Revolucionário do Proletariado, "os trabalhadores devem constituir-se em comissões de fábrica, de emprego, que debatam o momento político e que elaborem reivindicações.

"Estas comissões — diz o comunicado em referência — juntar-se-ão a outras já existentes e que têm desenvolvido as últimas lutas, fortalecendo-se e coordenando-se, para a criação da organização autónoma do proletariado".

E prossegue: "Só a organização dos trabalhadores pode conquistar para estes o Poder. Não podem esperar que por milagre lho venham oferecer numa bandeja."

Para o Partido Revolucionário do Proletariado: "O Movimento das Forças Armadas" é um movimento que se organiza para a "restituição das liberdades cívicas" ao povo português e para a definição duma "política ultramarina" que conduza à paz entre portugueses de todas as raças e credos. Ora as "liberdades cívicas" não chegam para resolver os problemas dos trabalhadores portugueses. Enquanto houver burgueses, enquanto houver patrões, os trabalhadores são explorados no seu trabalho, contribuindo diariamente para os lucros da empresa, para a acumulação da riqueza da burguesia. Muito embora exista liberdade de se escrever nos jornais e liberdade de se falar na rua, a liberdade de explorar a classe operária vai continuar.

"Quem continua no Poder é a burguesia. O povo hoje vem para a rua e entusiasma-se justamente com a possibilidade de poder gritar e de poder falar

livremente sem que a Polícia lhe caia em cima. O povo hoje entusiasma-se porque ouve a Junta falar contra os instrumentos de repressão que há longos anos o sufoca.

"Mas terá de compreender que a exploração continua, que a burguesia se mantém no Poder e que os trabalhadores nada têm a ver nem com a revolta nem com o novo regime."

"Não há "portugueses de todas as raças e credos", há o povo português e os povos de Angola, Guiné e Moçambique. A única solução justa é a independência imediata, incondicional e completa destes países, há séculos sujeitos à presença colonial portuguesa, contra a qual travam uma guerra de libertação.

"Tudo o resto são soluções que apenas visam continuar o domínio económico, social e político por formas mais habilidosas, que caracterizem o neocolonialismo."

MOVIMENTO REORGANIZATIVO DO PROLETARIADO PORTUGUÊS

Seria em dois comunicados só parcialmente publicados na Imprensa — e nem sequer em todos os jornais — que viria a ser conhecida a posição do M. R. P. P., organização que se afirma de ideologia maoísta.

Segundo o M. R. P. P., o P. C. P. tem traído os interesses do proletariado, por demasiado dominado pelo revisionismo soviético. Propõe-se, pois, "aproveitar a situação política actual para intensificar e aprofundar todas as lutas revolucionárias, conferindo-lhe um carácter de amplas massas; multiplicar os "meetings", as discussões e os comícios políticos; abandonar as residências e ocupar as ruas; comunicar um renovado impulso ao movimento grevista, seguindo o correcto exemplo dos operários da MAGUE (Alverca), que ousaram desencadear a greve com ocupação da fábrica; abandonar os quartéis e boicotar as prevenções, confraternizando com o povo; desertar em massa e com armas, pondo-se ao serviço dos operários e camponeses; organizar manifestações de rua; preparar o primeiro de Maio".

HOSTILIDADE

Em relação a estas posições mais radicais, e nomeadamente em relação ao M. R. P. P., é já notório o clima de hostilidade dos partidos "consagrados", implícita ou explicitamente, e nomeadamente os comunistas e socialistas.

Falando pela primeira vez na RTP, Mário Soares terminaria ensaiando um jogo de palavras construído sobre uma palavra de ordem do M. R. P. P.: "Primeiro de Maio vermelho? — interrogou-se o líder socialista, para responder, com evidente consciência do efeito das suas palavras: — Porque não?" Mas acrescentou: "Vermelho, sim, o vermelho das flores que agora circulam pelas mãos da população de Lisboa e dos elementos das Forças Armadas, não o vermelho do sangue do povo português."

E Álvaro Cunhal, no discurso que pronunciou no dia Primeiro de Maio no estádio da F. N. A. T., perante uma multidão de milhares de pessoas, não deixou de referir os movimentos que se reclamavam de ideologia de extrema-esquerda mas que "objectivamente" faziam o jogo da repressão e da reacção.

Igualmente, ao ouvir-se da boca dos políticos mais conhecidos do movimento democrático legal falar da necessidade de unir as forças de esquerda

como plataforma para uma acção frontal e sólida, se pormenoriza, regularmente, que tal unidade não poderá incluir senão representantes de partidos ou movimentos "de reconhecida representatividade". Entre eles, adivinha-se, não figura o M. R. P. P. e outras organizações anti-soviéticas.

DIFERENÇAS DE FUNDO ENTRE O P. C. P. e o P. S. P.

Admitindo embora uma aliança nesta fase da disputa política, os Partidos Socialista e Comunista

têm declaradas posições de fundo divergentes. Em resumo, poder-se-ia dizer que para os comunistas se trata de instaurar, numa fase avançada da revolução, a ditadura do proletariado, enquanto para os socialistas, segundo a declaração de princípios que serve de introdução ao seu programa político, aprovado num congresso efectuado na Alemanha Ocidental há cerca de um ano, se trata de construir um socialismo que acolha e desenvolva o pluralismo, no respeito da dignidade do homem, na prática da livre crítica, no exercício da cidadania e na organização de um Estado de Direito. (...) Inscrevendo-se contra os modelos burocráticos e totalitários que, por razões



Uma maneira de manifestar regozijo intenso

Foto Eduardo Gageiro

históricas e contradições à inspiração essencial do marxismo, o socialismo segue em certos países, o Partido Socialista propõe-se procurar no debate das ideias e na acção popular e proletária a via portuguesa para o socialismo em liberdade, aproveitando a experiência de outros povos e atendendo ao nacionalismo da Península Ibérica.

Essas diferenças de fundo não deverão de vir ao de cima no futuro da evolução política da transformação iniciada com o Movimento das Forças Armadas, se se mantiverem por força da continuação nos programas dos respectivos partidos. É oportuno ver como entende o P. C. F. o sistema de alianças.

"No plano social — escreve Álvaro Cunhal no livro já citado —, a cada etapa da revolução corresponde um sistema de alianças do proletariado com diversas classes e camadas da população. O sistema mudando-se no fundamental inalterável numa dada etapa da revolução. O desenvolvimento do capitalismo, provocando diferenciações no seio da burguesia e alterações qualitativas nas camadas médias, pode obrigar a ajustamentos. Estes não significam porém uma revisão do sistema de alianças ao sabor dos incidentes políticos quotidianos, como parece pensarem alguns teorizadores.

"No plano político defende-se, por esta expressão, os acordos, entendimentos e formas de cooperação entre os vários partidos, grupos e sectores políticos e entre indivíduos que a eles pertencem, as alianças do partido do proletariado oferecem maior irregularidade, variam segundo a fase, os objectivos concretos, as formas de luta, as posições que tal ou tal partido, grupo ou sector toma em relação a tal ou tal problema.

"Em cada etapa, em cada fase, por vezes em cada momento, uma ideia prevalece a política de alianças define a direcção da guerra principal e mobiliza e une todas as forças que possam lutar nessa direcção.

"Os aliados do proletariado para a revolução socialista não são os mesmos que para a revolução democrática e nacional. Nesta, o proletariado defende o poder fundamentalmente contra os monopólios (associados ao imperialismo) e os latifundiários e ali-se a uma parte da burguesia (a pequena burguesia e sectores de médias interessadas na luta antimonopolista). A revolução socialista dirige-se contra a burguesia no seu conjunto, e por isso alguns aliados do proletariado na primeira etapa (sectores de média burguesia urbana, camadas de camponeses médios, mesmo algumas camadas da pequena burguesia) deixam de o ser na revolução socialista.

"Quem não compreenda que a cada etapa da revolução corresponde um sistema de alianças diferente do de outras não compreende do marxismo-leninismo."

A reserção desses elementos parece-me colocar indicadores que ajudam a descobrir respostas para a questão colocada no início. Não se trata, evidentemente, de provar que individualidades formarão no futuro próximo o Governo da Paiz, provável e o que se lhe seguir, mas de sublinhar a inevitabilidade de conflitos resultantes dos diferentes propósitos de cada uma das correntes que a formam. E, naturalmente, a evolução não será alheia os movimentos mais radicais, sendo de admitir, até, que a sua influência poderá, em certo sentido, vir a conseguir uma oposição que esteja a oposição democrática, socialista e comunista dita revolucionária, para o Governo de Marcelo Caetano.

"O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO"

FOTO ORTIGUEIRA NO ESTÁGIO DE LISBOA

Foto: Eduardo Gouveia



Entre portugueses no exílio

O texto que a seguir apresentamos não poderia ser publicado há quatro meses atrás, quando foi enviado da Suécia pelo nosso redactor José Amaro. O mal destas palavras era falarem de "exílio". Hoje, na hora da portugueses daqui e de lá longe, é também a hora de lê-las.

Que na impossibilidade de falar das coisas se fale dos contornos das coisas. Ou: que também o texto seja um tablado.

Se o vento e a chuva e a noite são palavras acabadas para um discurso novo, que as possa reinventar aqui na descrição possível. E então: o seu corpo magro descobri-o, fugindo, no casaco castanho, de cabedal, quando os fios de água ficaram por instantes mais grossos e o relâmpago anunciou um trovão grande. Vinha da sombra e a fronteira ficara para trás, tão perto embora que os membros dos que esperavam eram esperança e desejo intranquilos.

Correríamos depois em direcção ao Norte e a partir daí o futuro seria (ê), para ele, a largura e a rede do mundo. Para ele e tantos.

De que te falo? De quem te falo? Que nome ou nomes me justificam? A Elsa ou o Tô, o Carlos ou o Vítor? Não é importante. Antes: que no meu percurso saibas percursos obrigados. Feitos, porém, longe da estrada.

PARIS E AMSTERDÃO

De Paris, o que me ficou foram em primeiro lugar os olhos fechados da Elsa, quando, sem propósito, lhe perguntei se gostaria de voltar a Portugal. Estávamos na cozinha e tínhamo-nos conhecido duas horas antes. Dela o que sabia ficava nas mesas do Monte Carlo, palavras de momento e muitas vezes também de indefinição ou (porque não dizê-lo?) de impotência. Falar de alguém que partiu é quase sempre falar de uma aproximação. E quem fala — o que sabe de quem partiu? Sentar-me agora aqui e escrever Elsa não pode ser, para mim, senão a retenção dos seus lábios tranquilos quando lhe falei do que deixou. "Não sei", responderia, para repetir: "Não sei". Sobressaíam então o abandono do corpo sobre o lava-loiça e os olhos, os olhos talvez como uma síntese.

Fui encontrá-la, domingo à tarde, com o Luís, a filha e a sogra. Esperavam pelo João e pela mulher. Vivemos muito longe uns dos outros e isso dispersa-nos. Depois, entre o emprego e os transportes perdemos sempre duas, três horas por dia.

Iria ouvir o mesmo em Amsterdão, pela voz da Esmeralda. Mas de outra maneira: mais insistentemente.

Esmeralda. Que pode ser a recordação dessa tarde de tantas palavras? Sim, a política é hoje muitas vezes a falsa razão que invento para a solidão, diria.

Ela saiu de Lisboa, à boleia, de um dia para o outro. Atrás de si e durante dez anos foi deixando, sucessivamente, Paris, Berlim, Hanôver, até que chegou aqui, onde começou alguma coisa que cresceu e hoje existe — um movimento de apoio

aos exilados. Eu passaria lá ao pé de todos, algum tempo dos cinco dias que estive em Amsterdão. Logo que cheguei, falou-me disso, e do mais que fez e fizeram. Dos que desistiram e dos que continuam, dos que desapareceram e dos que,



presentes, mudaram. A certa altura, pergunta-me por Manuel de Castro e quando lhe digo que morreu, levanta-se, devagar, e caminha até ao outro lado da sala, pintada de preto. Murmura em seguida tão baixo que tenho dificuldade em ouvir: Manuel de Castro, João Delgado, José Manuel Pressler, Pulido Valente, quantos mais? Há-de passar um bocadinho antes que pergunte pelos vivos: Virgílio, Vítor Silva, José Eduardo, Urbano, Eurico, Alexandre. Mais tarde: fotografias, o Caramulo, um livro por crescer. E o extenso discurso da sua solidão. Foi-me perfeitamente claro que Esmeralda esperava alguém a quem agarrar-se longamente. E fiquei, porque me interessava ouvir. Algumas das suas palavras foram de uma densidade humana que não sei traduzir. E alguns dos seus silêncios. A loucura? A lucidez?

No dia em que o Vítor e o Tó saíram para comprar os bilhetes para a Suécia e chegaram a casa, de madrugada, sem bilhetes e bêbados, quando discutíamos já o que devíamos fazer para os encontrar, o Dik — seu marido, um holandês — escandalizou-se. *Je ne comprend pas, je ne comprend pas.* Aí ela não hesitou em voltar-se para ele e defender intransigentemente os amigos. *Tu não és eles, e eles não são tu. E os meus amigos na minha casa são recebidos tal como eu os conheço.*

Foi bonito. Aliás, todos nós três, tanto eu como o Tó e o Vítor, gostámos do Dik. Achámo-lo receptivo e lúcido, até por uma certa prática que lhe vimos no dia-a-dia. E admitimos que a sua explosão daquela noite era menos dirigida contra a bebedeira ou contra o facto de eles terem saído para comprar os bilhetes e por fim não os terem comprado do que contra outra coisa qualquer que tem que ver com as suas relações com a mulher. *Os holandeses são muito frios, fazem tudo programado — dir-me-ia ela. — Vivo com o Dik há dois anos e meio e se hoje tu o vés fazer-me uma festa ao pé de outras pessoas é porque me esgotei a ensinar-lhe isso, que é normal entre nós, portugueses. Gosto do Dik, ele deixou muita coisa para estar comigo, a família burguesa e tudo o que ela lhe proporcionava, mas creio que estamos a chegar a um ponto de ruptura irreversível.*

Continuáreis. No rasto do que me dizes ficam três mil km de boleias, fronteiras e o hospital por três vezes; excesso de comprimidos ou outra coisa. Fica ainda a expulsão da Alemanha, o corpo entre a noite e a estrada, o Parlamento holandês e o que se pôde fazer. Ao fim de tudo, tu o dissesse — isso tão breve: *Sinto que um dia destes partirei de novo.* E acrescentáras, como se falasses de ti a ti: *Se entretanto não desaparecer.*

Insistirias muitas mais vezes na morte, creio mesmo que foi a palavra dominante do que afirmaste. *Quando anteontem chegaram e tu dissesse que esta sala era extremamente acolhedora e que no caminho a cidade vos tinha parecido maravilhosa, tive vontade de retirar-me para o quarto e chorar. Eu estava exactamente a dizer ao Dik que não posso mais com isto e que preciso de me ir embora por uns tempos.*

— Mas és capaz de explicar porquê?

Fundamentalmente porque estes tipos são intratáveis, diárias, na Suécia, o João, a Domingas e o Chade afirmariam a mesma coisa: que não se pode com os suecos. Que não são humanos, que não vivem, que tal e tal. O Afonso, que é talvez dos que está cá há mais tempo, pensa o contrário: que não pode com os portugueses que conhece na Suécia e que os poucos amigos que tem aqui são suecos ou de outros países. O Tó, que acaba de chegar, e o Miguel, que está cá há dois meses, acham que pessoas com interesse tem que haver em



todo o lado, e que portanto o que é preciso é procurá-las.

Mas encontrar pessoas pressupõe muito que se saia para a rua e isso aqui, nesta altura do ano, não é fácil: faz muito frio, escurece às três da tarde e de noite os bares e cafés fecham por volta da meia-noite. A dificuldade maior é no entanto, talvez esta: aparentemente os suecos põem as pessoas à distância. Mas parece-me também verdade a contrária: que atrás dessa aparência se esconde um desejo mais ou menos grande de explosão. Nota-se sobretudo entre os mais novos e nos bares e cafés, em que as pessoas se sentam frequentemente sozinhas e olham, olham, olham.

Também quando se lhes pede uma informação qualquer são, em regra, extremamente simpáticas.

— Esmeralda, gostarias de voltar?

Da sala vêem-se as paredes inteiras de casas abertas para a rua, no outro lado, grandes vidros, vultos difusos, luzes vermelhas, cortinados ao canto. Em Amsterdão também: gente à noite só lá em baixo, no Quartier Rouge, onde mulheres certas se sentam igualmente atrás do vidro, sob luz vermelha, à tua espera.

— De voltar gostava, de ficar não sei. O problema das pessoas não é uma questão de



Foto Eduardo Góes

A força transforma-se em símbolo de paz e fraternidade universal. Arma em punho para defender o povo dos inimigos da liberdade, e cravo ao peito, emblema da paz, eis a imagem do Exército português depois do dia glorioso de 25 de Abril



Magnífico o exemplo de civismo e maturidade apresentado ao mundo pela população portuguesa. Não se verificaram, durante as manifestações, os desordens receados.





Foto Fernando Baião

Para os portugueses — e todos nós éramos alvo de vigilância mais ou menos acentuada — a fachada deste prédio em Sete Rios, agora à guarda das Forças do Movimento, nada dizia.

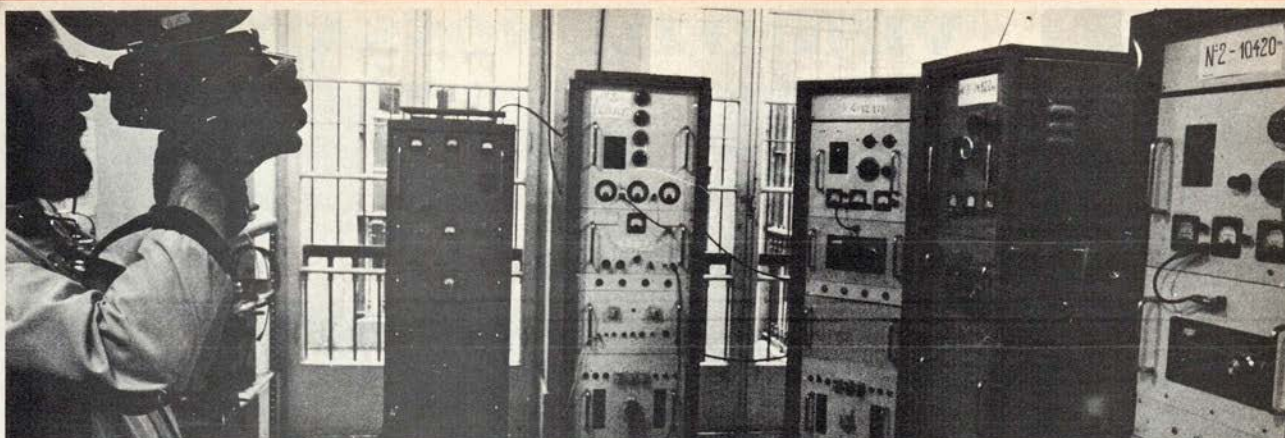
Dentro desse edifício assombrado administrava-se cursos sucessivos e intensivos aos futuros elementos da polícia política, frequentados por 20 a 30 alunos, inicialmente com a duração de cerca de 3 meses. Por imperativos de diversa ordem, particularmente a guerra do Ultramar, a sua duração foi abreviada para quatro semanas. Eis alguns números conhecidos referentes, ao que se crê, a Lisboa: Agentes de primeira classe eram 514; agentes femininos de primeira classe — 10; agentes de segunda classe — 807; agentes femininos de segunda classe — 11; agentes motoristas — 46; chefes radiomontadores — 9; radiotelegrafistas de primeira classe — 33 e de segunda classe — 68; fotógrafos mensuradores — 5; ajudante mensurador — 1.



Foto Eduardo Gageiro

Deste gabinete emanavam as orientações de um dos principais responsáveis pela repressão política. Quando as Forças Armadas penetraram na sede dos desalojados da D.G.S., o major Silva Pais, director-geral daquela corporação, estava refugiado em sua casa, na Rua de Moçambique. No gabinete que fora seu e que a foto revela, ficaram vestígios inconfundíveis do seu modo de actuação. Esta extinta instituição tinha como subdirector-geral Agostinho Barbieri de Figueiredo Cardoso e Rogério Morais Coelho Dias como o inspector superior.

Foto Eduardo Gageiro



As Forças Armadas e os representantes dos vários Órgãos de Informação puderam, enfim, entrar e vistoriar a sede da destronada, D.G.S. na Rua António Maria Cardoso. Dezenas de feridos e cinco mortos foram as vítimas que ficam a marcar o último estertor deste baluarte de repressão. Nas numerosas salas que compunham o vasto edifício da Rua António Maria Cardoso, foram encontrados preciosos documentos, que permitirão detectar elementos policiais que nessa hora não estavam presentes, ou que tinham conseguido escapar ao cerco. Sabe-se que os directores de serviço eram 7; inspectores – 46; subdirectores de segurança – 41; chefes de brigada – 158 e uma chefe de brigada feminina. Crê-se que este número se referem apenas a Lisboa e não incluem informadores. Na foto, aspecto da sala de transmissões.

Foto Alfredo Cunha



Enorme quantidade de armamento foi encontrada na sede da extinta corporação. Dotados de estrutura poderosíssima, amestrados por intermédio de técnicas que desvirtuam e anulam todo e qualquer personalidade humana, tornam-se, com a censura depois “exame prévio” – um dos mais eficientes suportes do antigo regime.

Foto Júlio Marques



Por ironia do destino, este elemento da extinta D.G.S. é obrigado a entrar sob prisão para o carro militar que o conduzirá a Caxias mesmo em frente à sede daquela corporação, na Rua António Maria Cardoso. Muitos foram detidos com a ajuda do povo, outros entregaram-se voluntariamente, outros pretenderam resistir, assinando com sangue os momentos de maior desespero das suas vidas

VINHO DA NOSSA TERRA

Foto: Eduardo Gageiro



Dominados os centros estratégicos mais importantes para a consolidação da vitória das Forças Armadas, documenta-se nesta gravura uma das fases do demorado cerco à D. G. S. na Rua António Maria Cardoso. E a população de Lisboa não se esqueceu dos que, horas e horas a fio, guardaram e construíram, vigilantes, a vitória em triunfo.

Vinho, o vinho bem quente da terra portuguesa, foi conforto, foi ajuda, oferta aqui de mão bem amiga aos soldados de Portugal. O vinho bem quente da terra portuguesa, a laranja cor de ouro do nosso sol e o pão levedado do chão que todos hoje pisamos foram festa e cânticos nos lábios, foram abraços quentes dos anos a esquecer, foram lágrimas que sobre ti correram e que aparaste, mão amiga!

Mão amiga que um dia lembraste, escondida lá bem longe num certo Inverno obscuro, as palavras do poeta da montanha: "Temos perante nós o terrível poder de recusar!"

Mão amiga que um dia apontaste a flor entre os cardos, que não esqueste e que por isso foste memória e esperança, memória e palavra, memória e gesto, memória e acção, por fim.

Mão amiga que um dia, pela madrugada, trouxeste o apelo desmedido de um povo de 1385, e de 1640, de demoradas lágrimas choradas por mães que perderam filhos, por filhos que perderam pais, por povo que País perdeu mas reencontrou.



O sinal combinado para o desencadeamento das operações do golpe militar é emitido pelos Emissores Associados de Lisboa às 22 e 55 da noite de 24. João Paulo Dinis, locutor de serviço naquela estação, lança a canção "E depois do Adeus". A senha, porém, seria transmitida pela Rádio Renascença, que às 0 e 25 do dia seguinte transmite uma outra canção, da autoria de José Afonso: "Grândola, Vila Morena." Leite de Vasconcelos, realizador do programa Limite, deu assim a conhecer aos elementos das Forças Armadas que nada de imprevisto surgiria que pudesse alterar os planos.



De Tomar e de Vendas Novas, de Santarém e da Figueira da Foz, de Viseu, Lamego, Estremoz e de outros pontos do País saem as primeiras forças militares. Lisboa, e mais concretamente os pontos vitais da capital, é o objectivo que norteia a marcha iniciada na primeira hora do dia 25. As Forças Armadas estava destinado o mais difícil programa dos últimos 50 anos de história portuguesa. Oficiais e soldados, dominando os riscos e incertezas de uma missão que lhes fora confiada, prosseguiram a sua rota nocturna, que algumas horas depois se transformaria em caminhada triunfante.



A população de Lisboa não tinha ainda despertado do primeiro sono. As primeiras horas da manhã decorreram aparentemente como muitas outras, calmas e monótonas. Seria um dia semelhante aos outros se na mente das Forças Armadas não tivesse desabrochado uma ideia revolucionária: derrubar o regime que 48 anos pareciam ter consolidado. Mas a hora "H" estava ainda coberta pela bruma matinal e, enquanto não chega e as ordens se retêm nos cérebros dos comandos, os militares aguardam, os blindados avançam, os Panhard tomam posições. A surpresa é grande triunfo dos estrategas nas horas decisivas.



O Movimento das Forças Armadas avança em direcção a objectivos muito concretos. Às 3 horas são tomados alguns dos pontos vitais da capital. Os estúdios da RTP, no Lumiar; da Emissora Nacional, ao Quellas; do R. C. P., na Sampaio Pina, caem sob o controlo do Movimento; as forças sitiadas do aeroporto deslocam-se para ali, cortando todo o movimento e impedindo, assim, que os primeiros passos do golpe iniciado viessem a abortar. Outros objectivos de igual importância foram simultaneamente tomados sem que a população se apercebesse dos primeiros gestos desta reviravolta. E às 4 e 20 surge o primeiro comunicado do movimento militar, transmitido pelo Rádio Clube Português.

25 de Abril - filme dos acontecimentos

São 8 e 45 do dia 25 de Abril. No Terreiro do Paço vivem-se as horas mais tensas das operações desencadeadas. O capitão Maia, da Escola Prática de Cavalaria 7, de Santarém, comanda as operações do sector, cujos efectivos estão estacionados no Terreiro do Paço. Uma coluna de Cavalaria 7, comandada pelo brigadeiro Reis, segundo-comandante do Governo Militar de Lisboa, estaciona na Rua Ribeira das Naus, oferecendo resistência. Ouvem-se rajadas. Os navios da N. A. T. O. rumam Tejo abaixo e os carros de combate tomam posições. Há conversações entre os oficiais divididos. O acordo chegou, por fim. Um oficial dos revoltosos vai ao Ministério do Exército e traz dois reféns: o chefe do gabinete do ministro e o coronel Abrantes da Silva. Às 11 horas os carros de combate põem-se em marcha.

O tenente-coronel Almeida Bruno, figura de destaque do Movimento das Forças Armadas, com o general Spínola. Libertado na tarde do dia 25, na Trafaria, onde se encontrava preso desde 16 de Março, foi-lhe confiada uma missão importante: a detenção do ex-Presidente da República, almirante Américo Tomás, que se encontrava em sua casa, na Rua Almirante Saldanha, ao Restelo. Após demoradas negociações, em que intervieram o prof. Marcelo Caetano e, mais tarde, o general Spínola, o tenente-coronel Bruno dirigiu-se a casa do almirante Américo Tomás e pediu-lhe que o acompanhasse ao Aeroporto da Portela. Cerca das 7 e 40, o antigo Chefe do Estado partiu rumo ao Funchal, no avião militar em que viajavam também Marcelo Caetano e os drs. Silva Cunha e Moreira Baptista.

A população, não obstante ter sido apanhada de surpresa pelo Movimento das Forças Armadas, depressa se identificou com os seus objectivos. A Baixa lisboeta, Rua do Carmo e Rua António Augusto de Aguiar foram, no dia 25, os pontos quentes da cidade. Com as forças militares aguardaram a hora da rendição e com elas vitoriam o momento que marcou a queda do regime. As manifestações espontâneas que irromperam pelas ruas da capital e por todo o País foram explosões de sentimentos recalcados. Para o Movimento das Forças Armadas foram os primeiros aplausos de um povo.

Eram aproximadamente 12 horas quando as forças estacionadas no Terreiro do Paço se subdividiram. Uma parte dirigiu-se para o Largo do Carmo, quartel da G. N. R., outra, para a Penha de França, quartel da Legião Portuguesa, e uma terceira, para a Rua António Maria Cardoso, sede da D. G. S. Simultaneamente, as forças da G. N. R. tomam também posições, reforçando a oposição e a defesa do quartel do Carmo. Os objectivos do Movimento das Forças Armadas eram, neste momento, obrigar a G. N. R., que no seu quartel defendia o prof. Marcelo Caetano, a render-se. Forças Armadas e G. N. R. tomam posições frente a frente no Largo do Carmo. Ia travar-se a mais longa e tensa batalha de nervos. Entra-se em negociações e fixam-se prazos para a rendição. O capitão Maia pega no megafone e grita: "Atenção, quartel do Carmo. As negociações estão muito demoradas. Não tenho ordens para demorar mais tempo." As metralhadoras alinham.





Os carros de combate tinham já tomado posições. Viviam-se momentos angustiantes de expectativa. O prazo de rendição expirava. Havia impaciência e nervosismo na multidão. Às 16 e 10 o dr. Feitor Pinto, que servia de mediador nas negociações, regressa ao Carmo. Levava uma mensagem do general Spínola para Marcelo Caetano. Decorrem momentos de intensa ansiedade. A rendição demora e anuncia-se que o quartel vai ser destruído. Os carros de combate tomam posições estratégicas e as armas ligeiras voltam-se para o portão do quartel. Mas, apressadamente, o dr. Feitor Pinto sai do quartel do Carmo — está anunciada a rendição.



Da expectativa ao delírio. Os carros de combate afastam-se do Largo de Camões e descem a Rua do Alecrim. A multidão que enchia largos e ruelas de acesso ao quartel irrompe e cresce, vitoriando a rendição como se nela estivesse há anos empenhada. Um automóvel aproxima-se do quartel da G. N. R. O nome de Spínola unifica os sentimentos das pessoas que aguardavam. O general Spínola e o major Dias de Lima entram no quartel do Carmo, onde Marcelo Caetano aguardava, para se proceder à transferência do Poder. Apenas uns disparos contra a porta do quartel da G. N. R., forçando a rendição, marcaram a intervenção compulsiva do Movimento das Forças Armadas na conquista deste primordial objectivo.



Marcelo Caetano tinha-se rendido, e a G. N. R. deixara de oferecer resistência. Evitara-se assim o iminente banho de sangue que pairou, ameaçador, sobre o quartel do Carmo e imediações, de onde milhares de pessoas não arredaram pé enquanto as conversações não terminaram. Aguardava-se agora a saída do ex-Presidente do Conselho. Cerca das 19 e 30 aproximou-se um blindado — "Bula" — da porta que durante horas focalizou a mais densa expectativa até então vivida. Marcelo Caetano deixou o Carmo. No dia seguinte partiria para o Funchal.

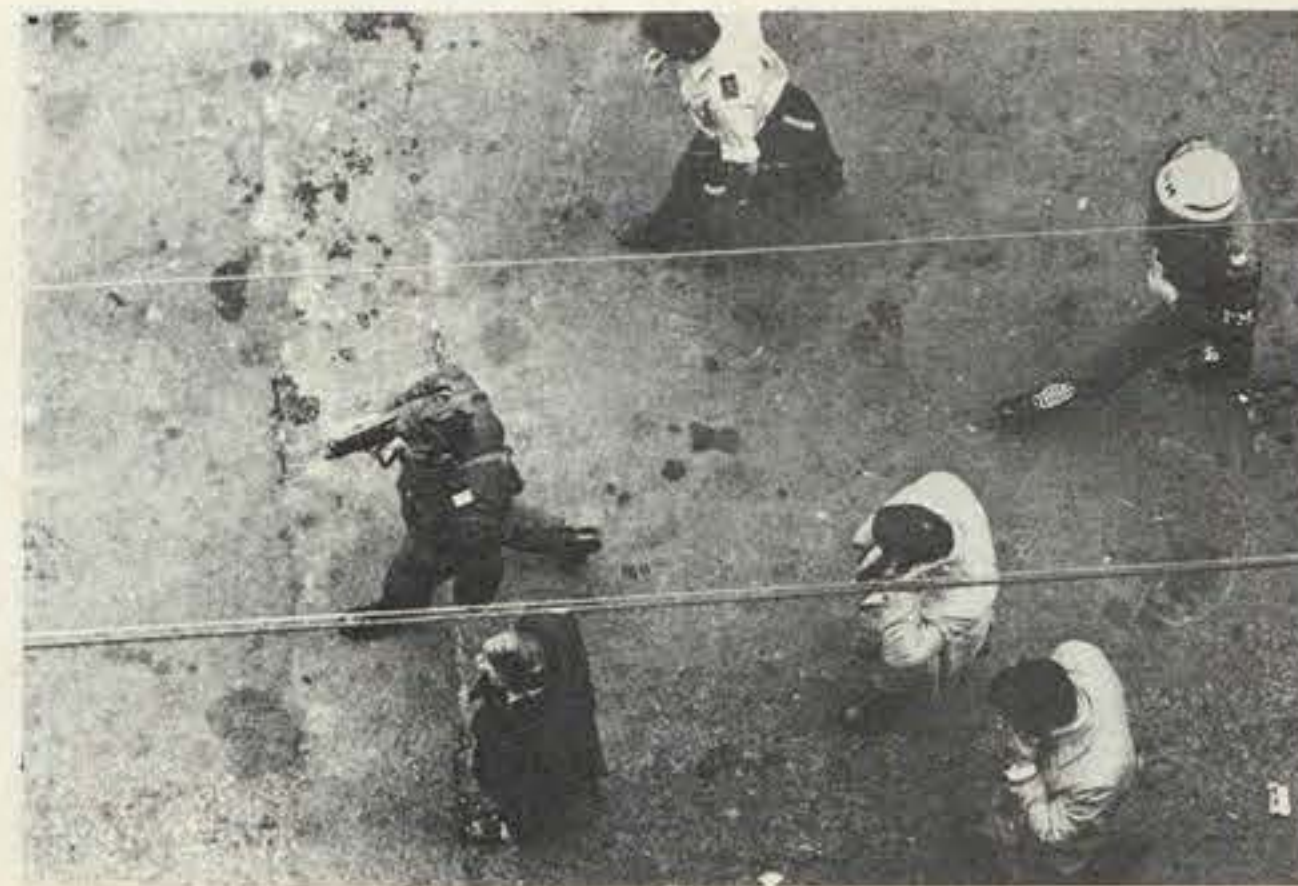


Depois do quartel da G. N. R., no Carmo, restava ainda um forte baluarte para ser derrubado pelo Movimento das Forças Armadas. Na Rua António Maria Cardoso, 250 elementos da D. G. S. resistiam desesperadamente aos convites pacíficos de rendição. A força de Cavalaria, que pusera cerco ao quartel do Carmo, cobre as saídas daquele reduto. Milhares de pessoas concentram-se nas proximidades e querem que as forças militares actuem. Cerca das 20 horas, de uma das varandas do edifício da D. G. S. partem várias rajadas de metralhadora, que atingem mortalmente 5 pessoas e ferem 45. Os ânimos exaltam-se. Um elemento daquela corporação é abatido quando pretendia fugir. As tropas de Cavalaria juntam-se os Fuzileiros Navais. O cerco aperta-se, e a rendição dá-se às 9 e 30 da manhã do dia seguinte. Na posse do Movimento ficam os ficheiros da D. G. S. e mais de uma tonelada de material de guerra.

25 de Abril — filme dos acontecimentos

Quando, no dia 25, o almirante Américo Tomás ficou sob custódia e o prof. Marcelo Caetano fez a transferência do Poder, desaparecia o Estado Novo. A Junta de Salvação Nacional, a quem foi confiada a concretização do Programa do Movimento das Forças Armadas, ficou assim constituída: general António de Spínola, presidente; general Costa Gomes; general Diogo Neto; general Jaime Silvério Marques; general Galvão de Melo; vice-almirante Rosa Coutinho e vice-almirante Pinheiro de Azevedo.

Dominados e tomados os últimos redutos de oposição, fixados na Rua António Maria Cardoso e em Sete Rios, respectivamente na sede e na escola técnica da D. G. S., prosseguiram as Forças Armadas a sua acção no sentido de detectarem muitos outros elementos daquela corporação policial que tinham conseguido escapar à perseguição. Entretanto, os ficheiros encontrados na sede da D. G. S. revelavam-se precioso auxílio na busca e captura de numerosos agentes.



Vencida a resistência que as prisões políticas de Caxias e de Peniche podiam oferecer, assistiu-se a um dos momentos mais altos da histórica acção levada a efeito pelas Forças Armadas: a libertação de todos os "presos políticos". Após anos, para uns, meses ou semanas, para outros, de detenção nas prisões políticas, as portas abriram-se. O dia 27 — mais exactamente, as 0 e 30, não será esquecido pelos que, acusados de delitos políticos, deixaram as celas.

No dia 27, cerca das 19 horas, uma força da Polícia Militar, comandada pelo alferes Varela, cercou a residência do major Silva Pais, director da extinta D. G. S., na Rua de Moçambique. Foi uma operação longa de 3 horas, mas coroada de êxito. O major, depois de ser obrigado a abandonar a casa, entrou num blindado, que o conduziu à prisão. Embora vedado e bem protegido, como era seu hábito, não escapou ao alarido triunfante das pessoas que assistiram à sua detenção.





Nunca Lisboa havia assistido a uma operação militar de tal envergadura. Viveram-se horas "de guerra" no dia 25 de Abril, tendo sido espectacular o aparato militar. A foto, obtida nas imediações do Ministério da Marinha, é particularmente significativa

Os primeiros documentos não clandestinos

Durante muitos e muitos anos apenas alguns portugueses puderam tomar conhecimento dos comunicados emanados dos ex-clandestinos Partido Socialista e Partido Comunista Português. Os que arquivamos nesta página são os primeiros a serem livremente difundidos após a consolidação da vitória do Movimento Militar de 25 de Abril, pelo que podem ser considerados como históricos.

PARTIDO SOCIALISTA

1. — O Partido Socialista, na primeira reunião do seu Conselho Directivo após o derrubamento do regime fascista que oprimia o povo português, realizada em Lisboa, em 27 e 28 de Abril, analisou a actual conjuntura política.

Essa reunião decorreu com a participação de membros do interior, a que se juntaram os do exterior hoje regressados do exílio.

O Partido Socialista é a associação política dos portugueses que procuram na democracia socialista a solução dos problemas nacionais e a resposta às exigências históricas do nosso tempo, conforme se enuncia na sua Declaração de

Princípios, elaborada na clandestinidade a que a ditadura o condenou, como às demais organizações democráticas, e que se anexa a este comunicado.

Deliberou o Conselho Directivo, em confirmação de deliberação já anteriormente tomada, por considerar que o programa do Movimento das Forças Armadas publicamente divulgado e o compromisso tomado perante ele pela Junta de Salvação Nacional garantem uma via para o restabelecimento da Democracia em Portugal, emergir dessa clandestinidade, para aparecer claramente à luz do dia, a fazer ouvir a sua voz e a dar a sua colaboração e a das massas populares e trabalhadoras que o apoiam na solução dos problemas da Nação

portuguesa.

2. — O Partido Socialista, consciente das suas responsabilidades solidariza-se com a luta do Povo Português e saúda o Movimento das Forças Armadas e a Junta de Salvação Nacional, como expressão desse Movimento.

Considera que o cumprimento do programa do M. F. A., entendido como um conjunto de medidas que é indispensável levar à prática nesta fase de transição para a democracia, constitui um primeiro e importante passo na via que, sob o impulso da luta das classes trabalhadoras, há-de conduzir à instauração no nosso País duma democracia socialista.

3. — O Partido Socialista define como objectivos mais urgentes da Nação portuguesa, além dos que já constam do programa do M. F. A.:

a) O fim das guerras coloniais, com imediato cessar-fogo e abertura de negociações com o Estado da Guiné-Bissau e os Movimentos de Libertação de Angola e de Moçambique, na base do reconhecimento do direito dos respectivos povos à autodeterminação e à independência.

b) Amnistia imediata para todos os que, por imperativo de consciência, se recusaram a prestar o serviço militar;

c) Libertação de todos os presos políticos nas colónias;

d) Direito de voto a partir dos 18 anos e para os emigrantes;

e) Eleições urgentes por sufrágio universal e democrático para as Juntas de Freguesia e Câmaras Municipais, como condição prévia de eleições para a Assembleia Constituinte;

f) Afastamento da vida política de todas as pessoas que têm sido a expressão do regime deposto e sua substituição por cidadãos fiéis ao programa do Movimento das Forças Armadas;

g) Luta contra o domínio dos

Foto Eduardo Gageiro



Aspecto do "museu" da D. G. S., onde eram guardados e expostos os troféus conseguidos pelos agentes

(Continua na pág. 41)

A vida é a cores Fotografe a cores

Agora com o filme Kodacolor II



Tire todo o partido das cores que há na vida. O filme Kodacolor II é uma criação da Kodak e vem melhorar a fotografia a cores. Vem dar-lhe maior nitidez. E tem menos grão; este facto ajuda a definir melhor a imagem e dá mais qualidade às ampliações.

O filme Kodacolor II está já à venda nos formatos 110, 126 e 135.

Procure-o num Revendedor da Kodak.

Quando quiser completar um "rolo feliz" exija as suas fotografias em papel Kodak.

Kodacolor II
Fotografia a cores tão simples como a preto e branco.





pitralon²⁰⁰⁰

com óleo de cedro

*Um novo tipo de Pitralon
para peles particularmente sensíveis.*



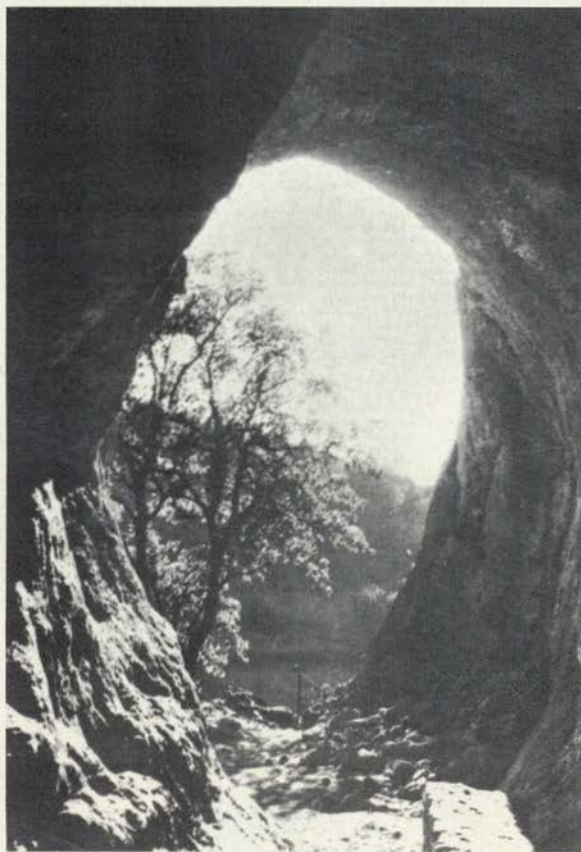
cuida e protege a sua pele, de manhã cedo !

RELATTE

AS SEPARATAS DE "O SECULO ILUSTRADO"

Há já mais de um ano que vem "O Seculo Ilustrado" a publicar regular e semanalmente separatas sobre assuntos escolhidos, e dos mais variados, que têm interessado sobremaneira os nossos leitores, a considerar as suas reacções e aplausos recebidos na nossa secção "Diz o Leitor".

Hoje, volta o "S. I." a publicar um interessante texto de uma entrevista de Georges Suffert a André Leroi-Gourhan, conhecido historiador, sob o título "Em Busca dos Deuses". Para esse trabalho, que apresentamos a seguir, em separata, dedicado à obscura e apaixonante origem do homem que somos e do homem que fomos, chamamos a atenção dos nossos leitores.



A entrada da gruta pré-história de Font-de-Gaume (Dordogne, França)

André Leroi-Gourhan — O que é impressionante neste homem é a sua prudência científica. Não se arrisca a afirmar nada que não considere certo, preferindo uma afirmação modesta (aparentemente) a uma teoria geral que lhe pareça indemonstrável.

livros leitura

O COMECON

Sérgio Ribeiro

Depois do livro sobre o Mercado Comum, integração económica dos países capitalistas, S.R. trata, neste livro, da integração económica dos países socialistas, na base de um desenvolvimento de forças produtivas que cria condições objectivas a exigirem respostas qualitativas diferentes numa e noutra formação social.

Preço: 60\$00
ESTAMPA

A VIDA RURAL MODERNA

Coordenação de Sousa Veloso, Jorge Garrido, José Maria Bettencourt.

A dificuldade para o empresário agrícola de dominar a complexidade dos problemas levantados pelas alterações profundas que a agricultura atravessa actualmente é agravada pelo facto de a documentação disponível ser dispersa, difícil de encontrar e frequentemente pouco acessível aos não especialistas.

A elaboração desta obra com carácter de pequena enciclopédia teve como objectivo suprir essa lacuna. Nesse sentido, para além dos assuntos agrícolas propriamente ditos — produção, economia, técnicas e legislação rurais —, foram incluídos outros motivos de interesse para a vida no meio rural — segurança, higiene, puericultura, contabilidade, correspondência, etc. —, tudo isso reunido, ordenado de uma forma necessariamente resumida, tão simples quanto possível.

Preço: 60\$00
EDITORIAL O SECULO

A CRIANÇA DOS 6 AOS 15 ANOS

Pierre Galimard

Se os primeiros anos (zero aos 6 anos) da vida da criança são de extrema importância na formação da sua personalidade, é no entanto na chamada "grande infância" (6 anos à adolescência) que a consciência psíquica adquire novas dimensões.

Só agora se começa a formar a inteligência "racional", esse instrumento maravilhoso posto ao serviço do conhecimento.

Preço: 65\$00
MORAES



O encanto discreto de certos momentos



"Lembras-te? Depois fomos dançar. E aquela vez, que eu estreei o vestido preto, comprido... E havia aqueles ingleses na mesa ao lado..."

Os momentos que você não tem o direito de perturbar. São os momentos perfeitos. O restaurante ideal, o jantar ideal, a atmosfera ideal. O champanhe, as trutas, o faisão.

Afinal esses são os dias que ela não esquece. E você também não. Tranquilo, longe das preocupações. Mesmo no momento da conta. A conta que não conta. Porque você a paga, discretamente, com o seu cartão Sottomayor.



Sempre consigo

Em busca dos deuses

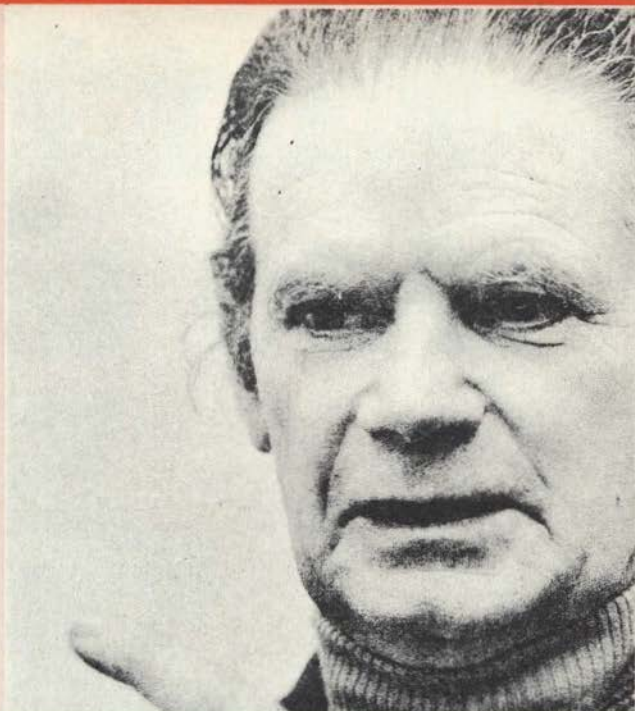


**CONVERSA
COM LEROI-GOURHAN**

Por GEORGES SUFFERT

© «LE POINT», A. E. I.

Leroi-Gourhan: "Houve sempre deuses"



© GAMMA, A. E. I.

Em 1973, André Leroi-Gourhan, professor do Colégio de França, recebeu a medalha de ouro do Centro Nacional de Investigação Científica, pelo conjunto dos seus trabalhos. Há 40 anos que Leroi-Gourhan estuda a evolução dos vertebrados e deste curioso animal de duas patas: o homem. Georges Suffert foi perguntar-lhe se, ao longo da sua viagem no tempo, encontrara alguns traços dessas incertas personagens — os deuses. A resposta foi afirmativa.



Bisontes de Altamira



Pinturas da gruta de Altamira

— Você já esteve alguma vez em Çatal Huyuk?

Olho um pouco espantado para André Leroi-Gourhan, sentado atrás da mesa qque lhe serve de secretária no Colégio de França. À volta dele os papéis amontoam-se, estranhos objectos assaltam por todo o lado as prateleiras. E os inevitáveis bisontes, negro, e ocre, surgidos das grutas e espetados na parede, como que a lembrar ao visitante que acaba de entrar num observatório do Tempo.

— Nunca estive — respondo...

Leroi-Gourhan fala lentamente, mede os seus gestos. Sabe da razão da minha visita: impossível continuar num inquérito que se poderia intitular "em busca dos deuses" sem vir aqui interrogá-lo. Há 35 anos que ele se move com uma coragem admirável e uma incansável paciência nesta gigantesca marmitta que é a evolução, que é, em definitivo, a superfície do planeta. Este homem sabe muitas coisas sobre o nascimento dos objectos. Tem, com certeza, algumas ideias sobre o nascimento dos deuses. Responde-me:

— Çatal Huyuk é uma cidade da Antólia, que deve contar para cima de 1000 habitantes. É muito antiga. Se dela falo desde o começo desta conversa é porque, cientificamente, constitui um caso. Deve saber que temos as nossas ideias sobre o nascimento das cidades: progressivamente o homem soltou-se da economia das colheitas e da caça, por ter inventado a agricultura e a criação de gado. A criação das cidades deve

situar-se algures, no espaço e no tempo que separam uma e outra fase do desenvolvimento humano. Porque, por essa altura, a cidade respondia a uma necessidade: era o lugar para as trocas, a armazenagem e, progressivamente, o artesanato. Esta teoria era suficiente para a época, mas só até ao momento em que Çatal Huyuk foi descoberta. Por que motivo? Porque os seus habitantes não possuíam agricultura nem gado. Viviam ainda das colheitas do acaso e da caça.

— Qual é a sua conclusão?

— Que temos de ser prudentes. Não sabemos grande coisa, e eu adivinho as perguntas que me vai fazer, sabendo antecipadamente que não serei capaz de satisfazer a sua curiosidade. Quanto mais progrido, mais espessa é a obscuridade. Sei que vai perguntar-me se em alguma parte, no decurso das minhas investigações, encontrei o que os homens chamaram Deus. Dir-lhe-ei que, efectivamente, encontramos traços, indícios, nas actividades dos homens, gestos que não correspondem a estritas necessidades materiais. Quanto a saber-se de que se trata...

— Receio que a nossa conversa parta de uma falsa pista. O que quero perguntar-lhe, em primeiro lugar, é a importância que dá à necessidade ou ao acaso na evolução da espécie. Já agora gostava de lhe falar de uma reflexão que me fez um amigo historiador. Classifiquemos esse homem, se não se importa, na categoria dos agnósticos. O desenrolar dos acontecimentos, o eterno entrelaçar das causas e os efeitos pareciam-lhe



Cena funerária com cerca de 5000 anos (Rodésia)

relativamente compreensíveis. Em todo o caso, explicáveis "a posteriori". O que o incomoda e perturba é aquilo a que chama "as coincidências". Por exemplo: que em dado momento da História uma descoberta essencial apareça em dois locais radicalmente separados. A sua invenção acontece nas duas extremidades do mundo mediterrânico, praticamente no mesmo momento e sem que seja possível demonstrar que houve transmissão.

— Conheço mal o caso a que alude, mas a existência dessas "coincidências" de que fala o seu amigo é uma certeza, embora seja preciso relativá-las. O caso que cita é tirado do que se chama o tempo da nossa História, isto é, entre 6 e 8 mil anos, em números largos. Para mim, é um espaço de tempo minúsculo. Logo que se procuram os

elementos do mesmo tipo na evolução do "homo sapiens", sentimo-nos afogados. Porque não sabemos quase nada. Hoje, se um pintor da era das cavernas aparecesse em Saint-Germain-des-Prés, ele sentir-se-ia à vontade e faria uma notável carreira artística. A História trabalha apoiada numa duração de tempo muito curta para poder chegar a qualquer conclusão.

— Mas não sente essa dificuldade nas coisas que a si lhe dizem respeito? Você trabalha sobre os vertebrados, que vêm de longe, desde há 1000 milhões de anos, se não me engano...

— Com efeito. Mas, de repente, a espessura da minha ignorância é tão vertiginosa como a do tempo: o historiador que pudesse dizer qualquer coisa trabalha sobre uma duração insuficiente. Eu trabalho sobre uma

Na pista do passado e dos deuses

duração mais respeitável e, no entanto, apenas posso formular hipóteses. É um duplo mistério.

— Começemos pelo princípio. Porque se lançou nesse tipo de investigação?

Quando fala deixa de olhar-me. Brinca com um punhal cujo estojo fixa. Como se o objecto, de aparência banal, o ajudasse a pensar.

— *Mas teria eu escolhido este tipo de investigação? Em 1937-38 preparava uma tese de doutoramento sobre as mitologias comparadas dos povos siberianos e os da antiga China. Estava já, sem o saber muito bem, na pista do passado e dos deuses. Tudo isso me conduziu, progressivamente, ao estudo do desenvolvimento humano, antes da História e da Proto-História. E aí encontrei, constantemente, a lógica das séries, o acaso, o génio, em suma, tudo ao mesmo tempo.*

— O acaso interessa-lhe menos do que aquilo a que chama génio? Pode defini-lo?

— *Não é cómodo. Tomemos, por exemplo, o caso mais comum: o do sílex em que um dos bordos serve de utensílio. Já existe há cerca de 3 milhões de anos. Imagine que durante esta imensa extensão de tempo existiram sílexes com os dois bordos cortantes. Mas tudo indica que a ninguém lembrou transmitir a invenção. Serão precisos 500 000 anos para que se passe do sílex ao antepassado do punhal. Mas, um dia, alguém repara nesses sílexes. Eis o instante durante o qual o homem — um homem — toca no acaso, o interpreta e o reproduz. A partir desse momento acelera-se a história do objecto, seguindo-se uma certa lógica, que, de algum modo, podemos reconstituir. Logo, o aleatório é o acidente da técnica que deu um sílex com dois bordos cortantes. É a isto que chamo o génio do homem, é a constatação feita por este, o verificar que um tal objecto modifica as condições da caça e das colheitas.*

— Creio que você se afasta cada vez mais do problema. Que é isso a que chama génio?

— *A bem dizer, pouco sei e é por esse motivo que tento, actualmente, não utilizar muito essa palavra. Mas não disponho de outras. Bem entendido que o papel da necessidade é evidente. E também o da guerra. A partir do momento em que o homem planta e colhe os cereais, cria e mata os animais, começa o tempo da guerra. Há aqueles que querem proteger o que semearam e aqueles que desejam roubar esse bem. De cada lado há a necessidade de se andar armado. No entanto, não me escapa o carácter limitado desta explicação. O fenómeno da guerra não se reduz ao que acabo de dizer-lhe, porque contém mais alguma coisa que dificilmente podemos abordar. O que é, por exemplo, a crueldade? Tomemos um outro exemplo desta dialéctica entre explicação racional e constatação de comportamentos cujo sentido nos escapa. Observemos um instante os territórios que se estendem do Mediterrâneo à China, seguindo a faixa de território que se encontra a meio. Foi aí que surgiu o desenvolvimento. Salta aos olhos que esta região se estende ao longo das zonas cerealíferas: trigo, milho, arroz. O esquema lógico parecia então evidente: os cereais selvagens cresciam em regiões cujas condições de clima e de ecologia são favoráveis, permitindo a passagem às culturas cerealíferas modernas. Falta saber por que motivo a China, 1000 anos antes do Ocidente, dispõe de uma unidade política, económica e linguística. E também seria de interesse perceber por que motivo, depois do século XI, a China fica parada, enquanto o Ocidente se lança. É, de novo, o desconhecido.*

— De modo que aquilo a que podemos chamar o pequeno empurrão inicial, ou, se prefere, o instante do génio do primeiro homem diante do seu sílex, não basta para explicar a lógica da evolução...

— É provável que não.

O que é impressionante neste homem, Leroi-Gourhan, é a sua prudência científica. Só fala do que sabe, daquilo de que tem a certeza.



O mistério do antepassado — estatueta das ilhas do Almirantado (Oceania)

Em busca do futuro no passado



Bisonte pintado em Font-de-Gaume

Prefere uma afirmação aparentemente modesta a uma teoria geral que lhe parece indemonstrável. Mas, pelo menos, qualquer coisa resulta do que afirma, mesmo se o não diz: os mecanismos da evolução continuam a ser, para ele, tão misteriosos como no primeiro dia das suas pesquisas. Quer queira quer não, as suas ideias ou o seu pensamento residem nos antípodas de um Monnod. Seja a necessidade, seja o acaso, evidentemente, mas aquilo a que ele chama com prudência o génio próprio do homem e, talvez, enfim, qualquer mais de que nada sabe. Mas eu queria, sobretudo, que ele fosse mais claro sobre este ponto, que está longe de sê-lo.

— Permita-me que lhe diga uma verdadeira asneira. Façamos uma hipótese de ficção científica: a evolução humana é uma experiência de laboratório, feita por seres vindos de algures e que teriam permitido o desencadear da consciência. Teriam eles de voltar a intervir para que as coisas se desenrolassem como se desenrolaram?

— É uma hipótese como outra qualquer. E, bem entendido, para ela não encontro resposta. Tudo quanto posso dizer-lhe é que não sou cartesiano. Não creio na dedução pura. Há múltiplas encruzilhadas na evolução das quais nada vemos, absolutamente nada. Mistério? Ignorância? Não sei.

— Você não me está a facilitar o trabalho. Experimentemos abordar o problema doutra maneira e ver se não existem outras condutas constantes e pouco irracionais no comportamento humano. O terreno está agora mais sólido. Existe um ponto que nas suas investigações me parece essencial: tudo que se relaciona com a evolução dos objectos e dos utensílios. Os impérios emergem, depois soçobram. As línguas constituem-se, depois desvanecem-se. Os deuses surgem, depois desaparecem. Mas o utensílio segue imperturbavelmente o seu caminho, sobrevive aos impérios e aos deuses e mesmo — se bem o compreendi — há neles um elemento misterioso que me interessa.

Desta vez olha para mim e tira o punhal da bainha que o protege.

— Com efeito. Indiscutivelmente, os objectos têm uma história relativamente linear. Nasceram, melhoraram e alcançam, um dia, uma espécie de perfeição. Repare neste punhal da Tunísia. É perfeito. Foi fundido e cinzelado por volta do século XVI. Nesta categoria de punhais, é praticamente impossível fazer melhor. Portanto, a história do punhal termina neste exemplar. Mas, preste bem atenção: este punhal

nunca serviu, provavelmente, e deixou de ser uma arma de guerra, é um objecto estético. Observe o seu cinzelado, repare no punho, no escrínio. Foi fabricado para ornamentar. Ora o que é verdade a respeito deste punhal também o é praticamente a respeito da maior parte dos objectos. Nasceram sob o império do acaso, da necessidade e daquilo a que bem devemos chamar a inteligência do homem. Depois, à medida que o tempo passa, atinge um ponto derradeiro. E, então, misteriosamente, os objectos mudam de destino e transformam-se em formas estéticas. Que pensa disto?

— É uma lei geral?

— “Grosso modo”, sim. É mesmo uma das leis mais fascinantes.

— Para si, a actividade do homem desagua naturalmente na arte?

— Como deve calcular, não é muito cómodo levar-me a dizer aquilo que não estou preparado para afirmar. A palavra “arte” assusta-me um pouco. Prefiro falar simplesmente das formas.

— E o que são elas para si, as formas?

— Nem tenho necessidade de ser homem para lhe responder. Os macacos grandes bastam-me. Coloque um deles diante de um monte de areia. O comportamento dele é mais ou menos igual ao de uma criança. Com as duas mãos agarra nuns grãos de areia para com eles fazer um monte mais pequeno. A seguir dá-lhe uma forma melhor, arredondada. Quando acabou a tarefa, desfaz o monte e recomeça. Que fazem eles, a criança e o macaco? Uma forma.

— Perdoe-me a ingorância. Compreendo bem a necessidade de comer, de nos reproduzirmos, de nos defendermos. Mas o senhor afirma que a obsessão das formas é quase tão imperiosa como as outras necessidades humanas.

— Não tem de que desculpar-se. Tudo isso é bastante misterioso. Constatamos apenas que, à partida, existe a necessidade do objecto, e que, à chegada, há a forma. E constatamos ainda que, espontaneamente e logo que nada tem que fazer, o homem, com as suas mãos, inventa formas. Quanto à explicação, desconheço-a. Há uma tonalidade estética entre o equilíbrio incerto das formas e as funções. Os psicanalistas segredam-me ao ouvido que eles estão quase prestes a dar-nos os elementos da resposta. Bem vistas as coisas, isso não será impossível.

— Disse-me, há instantes, que a palavra “arte” o assustava. Mas entre

o seu macaco que brincava com a areia, ou pedaços de madeira, e o personagem que pinta as paredes da gruta, de qualquer modo, há sempre um salto, não? (Pousa o punhal e cruza as mãos.)

— E que salto! Conhece a história da gruta de Niaux? Essa gruta era do nosso conhecimento, mas estava fechada por um lago. E, já se vê, não nos interessava saber o que havia para lá do lago. Por volta dos anos 70 (há pouco tempo, como vê) uma equipa de espeleólogos decidiu vazar o lago. Um trabalho duro: cabos eléctricos, instalação de bombas, etc. Uma vez o lago vazio, que julga você que encontrámos atrás do sifão? Um outro lago. Resumindo: havia quatro lagos, e a galeria total contava 2 km. Logo que chegaram ao fim deste caminho, os investigadores encontraram outra galeria, muito vasta, e imediatamente compreenderam que era preciso entrar nela com prudência. Antes deles ninguém tinha entrado naquela galeria, desde há 12 ou 15 mil anos (e não 25 ou 30 mil, como se acreditava há alguns anos). A arte das grutas é relativamente recente. Claro que nas paredes havia os bisontes e os cavalos. Mas isto não era o mais extraordinário. O solo, sim. Graças a um milagre inexplicável, as pegadas daqueles que nos tinham precedido estavam impressas no solo. Intactas, como que congeladas, ali, durante milénios. Protegidas por aqueles corredores e aqueles lagos intransponíveis. E a cena decifrava-se como uma fotografia. Três homens haviam chegado ali, havia milhares de anos, e provavelmente uma só vez. Mais precisamente: dois homens e uma criança. Chegaram, pintaram e, depois, partiram. Para sempre, sem dúvida.

Calo-me. O meu interlocutor está todo entregue ao tema. Inútil fazer-lhe perguntas.

— O que agora sabemos, e com toda a certeza, é que, “grosso modo”, as pinturas da grutas foram feitas assim. Alguns homens, e, com

frequência, crianças, metiam-se pela terra e pintavam. E nunca mais voltavam à gruta. Claro que se trata de fenómenos religiosos. Nenhuma outra explicação é possível. Mas que religião? Que deuses? Ninguém sabe. Muitas pessoas dizem, a este respeito, o que lhes vem à cabeça. Eu limito-me a verificar os factos e a maravilhar-me.

— Mas o que diz não coincide com as grutas de Lascaux. Nem tudo foi desenhado de uma só vez. Outros pintores se sucederam aos primeiros.

— Certamente. Lascaux é muito exactamente uma espécie de catedral. Actualmente estamos quase certos que essas grutas foram frequentadas durante 2 ou 3 mil anos. Compare: todas as nossas grandes catedrais tem menos de um milénio. Lascaux foi, portanto, um lugar excepcional. E deve ser decifrado como fazemos para as nossas catedrais. As épocas sucedem-se, aparecem a cavalo em cima umas das outras. E não somos ainda perfeitamente capazes de datar os estilos.

— E o homem no poço?

Os olhos de Leroi-Gourhan iluminam-se. Sinto que interiormente, e de súbito, se diverte:

— O homem no poço, com o seu bisonte? Não me impressiona. Já encontrei a mesma cena quatro ou cinco vezes em grutas muito afastadas umas das outras.

— Para si trata-se de uma cena mítica e religiosa ou de uma imagem que teve o seu sentido claro para centenas de milhar de homens e durante anos e anos?

— Provavelmente. Imagine marcianos invadindo a Terra, após um apocalipse qualquer, e descobrindo em muitos lugares do planeta uma cruz com um homem nela pregado. Que ideia fariam eles de nós? Como seria que a partir desse homem agonizante, iam conseguir reconstituir as grandes categorias espirituais do cristianismo? Seria absolutamente impossível. Talvez nunca cheguemos a saber quais eram os deuses de Lascaux, que certamente foram adorados durante muito tempo.

— Devo deduzir, portanto, que para si a dimensão do religioso ou do mágico é muito antiga...

— Queria mostrar-lhe uma coisa. Infelizmente não a tenho. Encontra-se no Museu do Homem. Quer encontrar-se comigo no museu, dentro de poucos dias? Podia responder-lhe com essa peça na mão...

Detesto a arquitectura do Palácio de Chaillot. Talvez por ela estar ligada às imagens que conservei da exposição de 1937: a impressão sofrida diante das torres afrontadas pelos dois paganismos imperiais da época, a de Estaline e a de Hitler. Mas na cave da ala direita daquela secção, que deixou de chamar-se o Trocadero, a época de antes da guerra desaparece na Pré-História. Leroi-Gourhan espera-me no seu pequeno gabinete de trabalho. E retomamos a conversa.

— Siga-me.

Segue por entre mesas e estantes, cheias de pedras, de lâminas e de objectos, saúda alguns dos seus assistentes, que corrigem, meticolosos, as provas de um livro, acaba finalmente por deter-se diante de uma vitrina cuidadosamente fechada à chave. Abre-a e, com precaução, extrai dela três objectos bizarros.

— Olhe bem. Claro que isto não lhe diz nada. Mas são peças inestimáveis, encontradas no solo de cavernas ocupadas por homens Neandertal. Estas peças provam que esses homens apanhavam e reagrupavam à sua volta objectos sem utilidade directa, mas que, sem dúvida, julgavam belos. Sempre a lógica das formas. E posso ainda ir mais longe. Não conhecemos muitos túmulos dos homens de Neandertal. Quanto muito, uns 50. Mas num deles, descoberto no Iraque, minha mulher constatou uma acumulação anormal de pólen, o que quer dizer que o corpo estava envolvido em flores. É o começo da religião dos mortos. O primeiro passo, provavelmente, na direcção de uma outra vida depois da morte. Os deuses não estão longe e, no entanto, o “homo sapiens” ainda não chegou.

— Por que motivo mistura sempre a religião e a arte?

— Porque é difícil dissociá-las. A emoção estética e a emoção religiosa estão próximas uma da outra. Ora, se eu não posso medir os modos de evolução da ideia de Deus, posso comparar o destino do objecto e também o da arte. Alguns entre eles — a agulha, por exemplo,



À direita, e de trás para a frente, os “homens” de Java, de Neandertal e de Cro-Magnon



Ligação de Thutmoses III ao deus Amon-Ra, Egípto, 1350 a. C.

e certas jóias — alcançam num ímpeto a perfeição. Outros requintam-se regularmente. Nada de comparável no domínio da arte. Tenho a impressão de que se trata de um fenómeno cíclico: da representação à abstracção, o que aliás se observa também na arte dos esquimós, 2 mil anos antes da nossa era, o que já não se verifica na arte grega e na arte africana.

— É uma lei?

— Não. Uma impressão, simplesmente. Faltam-nos os elementos para podermos ser afirmativos. Precisamos ainda de procurar, escavar com método, observar os gestos das tribos hoje esquecidas. Repare nesta espécie de machado, composto de uma pedra e de uma pega. Em sua opinião, de que era provém?

— Não faço a menor ideia.

— Tem vinte anos. Há vinte anos era correntemente utilizada pelos índios guayakis, para abrir buracos nas colmeias selvagens. E assim obtinham o escoamento do mel. E, no entanto, ela podia muito bem contar uma centena de milhares de anos. Mas, ainda aqui, a forma testemunha uma pesquisa sem relação com a função do objecto.

— No fundo, quando Malraux mistura alegremente os mistérios da alma e da arte, ele não vos choca...

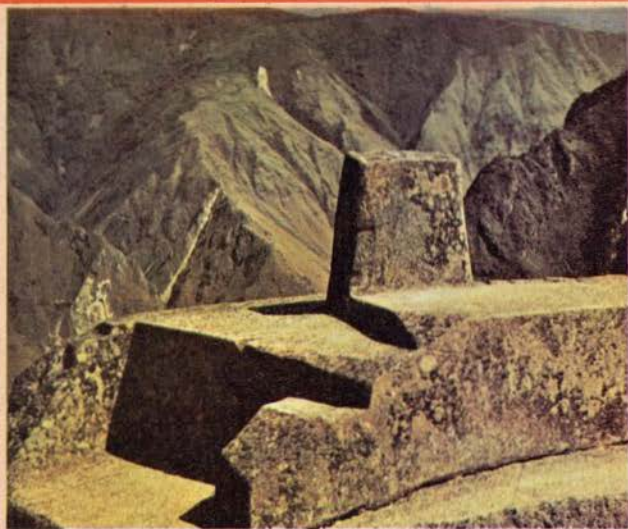
— Nem por isso. Penso um pouco como ele, na condição de ser sempre sensível à imensidade da nossa ignorância. O facto de a física ter explodido, que a História não, saiba mais exactamente qual é o objectivo da sua investigação, que exista hoje uma confusão nas ciências e nas línguas, tudo isso provocou, simplesmente, uma trapalhada na ciência, na medida em que ela erigiu a crença no progresso humano em dogma. De um momento para o outro, os sábios tornaram-se modestos, incertos diante da imensidade da sua ignorância. Mas deixe-me chamar a sua atenção para o seguinte: a investigação científica, com tudo o que ela comporta de meticulosidade necessária, de prudência nas conclusões e de ambição no seu desígnio, constitui para todo o sábio sério uma vida interior: a meticulosidade é uma regra, a prudência uma moral, a ambição de compreender o elemento que dá um impulso ao conjunto.

— No fundo, o que também você procura é o sentido da vida?

— Tenho a impressão de que a ciência, como a metafísica, tenta responder a este problema. E nem uma nem outra o conseguiram. Talvez nos preocupemos demasiado com o passado, em vez do futuro.

— Isso, dito por si, é bastante inesperado...

— Porquê? É também o futuro que eu busco no passado. Acontece-me fazer a mim próprio perguntas barrocas. Esta, por exemplo: Que aconteceria se a taxa de crescimento demográfico



A pedra solar de Machu-Picchu. Os incas acreditavam ser descendentes de Inti, o Sol, sendo peritos em observações astronómicas

desabasse bruscamente no mundo inteiro? Seria o começo de uma idade de ouro, as riquezas seriam então convenientemente repartidas, uma vez que haveria menos gente a precisar delas? Ou seria, pelo contrário, o começo do caos? A questão não é tão gratuita como pode parecer. Trata-se de uma pergunta-hipótese que pode permitir-me o esclarecimento do passado. Estou convencido, como toda a gente, que o desenvolvimento demográfico da espécie humana apresenta um problema temível. Mas, ao mesmo tempo, pergunto-me se a travagem desse desenvolvimento não se transformaria imediatamente numa catástrofe. O que também obriga a pensar que esse crescimento foi um dos elementos essenciais da evolução. A paragem total de um tal desenvolvimento conduziria ao desabar da civilização.

— O que me diz não é precisamente optimista...

— Não. E vou apresentar-lhe uma outra pergunta, que é um pouco como a anterior. Todos me interrogam sobre o que era o homem há 25 mil anos. Respondo como posso, mas tenho sempre vontade de responder a quem me interroga o que será o homem dentro de 25 mil anos. Você tem alguma ideia a este respeito?

— Nenhuma. É muito longe. Seria uma resposta de pura ficção científica.

— Sim e não. Quero lá saber dos futurólogos que tentam prever o universo do ano 2000! Há muitas variantes em termos muito curtos. Eles encontram-se, pelo contrário, na posição dos historiadores, quer dizer: não podem extrair nenhuma lei. Mas quando as distâncias são muito longas, a problemática muda e simplifica-se. Dentro de 25 mil anos, ou a espécie terá desaparecido ou terá, colectivamente, tomado decisões para a sua sobrevivência.

— E em sua opinião essas decisões deveriam ser tomadas já...

— Tenho uma vaga tendência para lhe responder que sim. Mas nada sei. Ninguém estuda o futuro a longo alcance. Nem sequer temos, portanto, hipóteses para criticar. Nada. Suponha que um homem seja um animal em busca de significado. Suponha que precise de muito tempo para chegar ao fim dessa busca. O primeiro obstáculo que terá de transpor é justamente o da sobrevivência da espécie a que pertence. E precisará ainda de muito tempo para saber se a sua existência tem ou não um sentido. Se a espécie desaparece, a resposta está dada: ela não tinha qualquer sentido, ela irá juntar-se à dos dinossauros, o planeta continuará a girar e o Sol a aquecê-lo durante milhões de anos. E nós já não estaremos na Terra para sentir esse calor. Em contrapartida, se subsistirmos, ao longo dos anos, dos séculos, dos milénios, recuaremos sem cessar a zona de mistérios que nos envolve. Eis o nosso problema. Creio que interessará a muito pouca gente.

PLAZA INTERNACIONAL

para quem conhece o mundo
e o sabor das melhores
coisas do mundo

Um novo cigarro. PLAZA Internacional. O novo sabor Plaza.

Um cigarro de nível internacional.

Um acto de escolha e de afirmação própria.

O seu Plaza. Em qualquer circunstância. Sempre.

Extra Longo.  Filtro Triplo Ventilado.

Duas vezes mais eficaz!



PLAZA a sua afirmação pessoal



Como vai a sua dentadura?



Sempre limpa e brilhante, o orgulho do seu sorriso. Você cuida da sua dentadura com Steradent, claro. Porque você sabe que só Steradent, especialmente estudado para dentaduras, a mantém sempre branca e a conserva como nova durante mais tempo. Steradent em pó ou pastilhas efervescentes, limpa e protege dentaduras, pontes, e todos os elementos da prótese dentária.

Steradent

**único para a limpeza
e conservação
de dentaduras**



HORÓSCOPOS

SEMANA DE 5 A 11 DE MAIO

CARNEIRO

VIDA SENTIMENTAL — Bom clima para contactos amigáveis e surgimento de novas amizades.

VIDA MATERIAL — Aparecimento de novos projectos, aumento de trabalho, e êxito profissional. Saiba, entretanto, agir com calma e ponderação.

TOURO

VIDA SENTIMENTAL — Tendência a discussões inúteis e actos repentinos. Deve reear o afastamento de pessoas de amizade.

VIDA MATERIAL — Não se comprometa levemente com despesas impensadas. A precipitação nos empreendimentos poderão originar prejuízos e contrariedades.

GÊMEOS

VIDA SENTIMENTAL — Saiba reprimir a tempo impulsos imprudentes. Encontrará novas amizades ou novos conhecimentos importantes que podem estimular e melhorar os seus negócios.

VIDA MATERIAL — Tempo propício para tentar melhorar os assuntos ligados à profissão. Procure agir com ponderação e reflexão.

CARANGUEJO

VIDA SENTIMENTAL — Bom tempo para contactos úteis com pessoas bem intencionadas. Dê prova de diplomacia, e não se precipite em nada.

VIDA MATERIAL — Actividade bem regulada pelo desejo de progredir será vantajosa à situação. Progresso social e financeiro.

LEÃO

VIDA SENTIMENTAL — Saiba defender-se de rivalidades, de invejas e maldades. Seja muito prudente. Evitar festas... e as aventuras íntimas.

VIDA MATERIAL — Pode tratar de assuntos relacionados com escritos, viagens ou deslocações. Esforce-se em concentrar-se no trabalho.

VIRGEM

VIDA SENTIMENTAL — A disposição parece melhorar. Bom tempo para os contactos amigáveis e travar novos conhecimentos agradáveis.

VIDA MATERIAL — Projectos e empreendimentos bem preparados serão bem recompensados. Evitar, no entanto, toda e qualquer precipitação.

BALANÇA

VIDA SENTIMENTAL — Poderá sentir-se ansioso e inquieto e ao mesmo tempo inclinado a imaginar a felicidade, o acordo amoroso.

VIDA MATERIAL — Uma actividade sensata corajosa, bem equilibrada, permitirá conduzir bem projectos e empreendimentos.

ESCORPIÃO

VIDA SENTIMENTAL — Saiba controlar, por meio da razão, os seus impulsos sentimentais. Enfrente os problemas de coração com calma e bom senso.

VIDA MATERIAL — Convém dominar a tendência às extravagâncias, entretanto, aproveite o período para realizar novos negócios e reactivar o que estiver paralisado.

SAGITÁRIO

VIDA SENTIMENTAL — Após certa desilusão, terá uma acentuada tendência para a desconfiança. Deve reear o perigo de intrigas com familiares ou amigos.

VIDA MATERIAL — Favorável às actividades que exijam qualidades de iniciativa de organização. Cuidado com assuntos relacionados com escritos e viagens.

CAPRICÓRNO

VIDA SENTIMENTAL — Não se fie em promessas... mas, num caso sentimental bem firme, terá alegrias e contentamentos neste período.

VIDA MATERIAL — Acontecimentos mais ou menos inesperados e proveitosos. As ocupações artísticas serão as mais favorecidas.

AQUÁRIO

VIDA SENTIMENTAL — Pouco favorável no domínio afectivo. Deve reear os mal-entendidos, questões e cenas de ciúme. Mostre-se ponderado e compreensivo.

VIDA MATERIAL — A falta de sequência nas ideias será prejudicial à situação, às finanças. Neste período devem-se evitar mudanças e trocas, que poderão ter más consequências.

PEIXES

VIDA SENTIMENTAL — Dê prova de diplomacia, não precipite nada. Saiba tirar proveito das circunstâncias favoráveis que se apresentarem.

VIDA MATERIAL — A impaciência e o estouvamento serão prejudiciais nos seus interesses materiais. Terá êxito aos assuntos relacionados com escritos e viagens.

EQUIPAMENTO DE ESCRITÓRIOS

EURO-73 DAC.

«A cadeira mais revolucionária»

VENDIDA NA EUROPA
E NOS E. U. A.



ACEITAM-SE AGENTES
NO CONTINENTE E ILHAS
(NAS LOCALIDADES DISPONÍVEIS)

Pedidos à:

MUNDIMEX, Soc. Rep. Lda.

Av. S. João de Deus, 21 — Lisboa 1

Telef. 710 744 — 713 716

estude!

GANHE MAIS DINHEIRO!

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA
Desde 1947

Recorte o cupão e envie-o
HOJE MESMO
(indique um só curso)

- ☐ RADIO, ELECTRÓNICA, TV
☐ DESENHO E PINTURA
☐ ELECTRICIDADE

- ☐ INGLÊS
☐ SECRETARIADO
☐ COSTURA

GRÁTIS

Peço o envio do livrete
colorido e ilustrado sobre
o curso que indico com um ☒

Nome

Morada

Localidade S.I.



cec

Alvaro Torrão ★ Rádio Escola

Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 — Tel. 53 67 52

CORRESPONDÊNCIA AMIGÁVEL

Com jovens senhoras e senhores em todo o mundo. Informações
e 150 fotografias grátis.

Hermes, Berlim 11, Box 17/6, Alemanha



**Bela,
segura,
confiante
com
Triumph.**



Jenny


Triumph
INTERNATIONAL

Com **LYCRA**
Marca registrada da Du Pont
para a sua fibra elástica.



Foto Eduardo Gageiro

Mário Soares foi vitorioso quando chegou a Lisboa. Milhares de pessoas foram esperá-lo

(Continuado da pág. 24)

monopólios, inteira liberdade de organização sindical e estudantil, acompanhada da liquidação do corporativismo;

h) Estabelecimento de relações diplomáticas com todos os países.

4. — O Partido Socialista vai dar urgente e ampla divulgação ao seu programa, que será submetido ao congresso, organismo supremo, a convocar, perante o qual todos os seus dirigentes deporão as funções que exercem, para que o congresso decida em todas as matérias de orientação e organização. Até lá vai proceder a uma larga campanha de recrutamento e de ligação à classe operária, com a abertura de sedes públicas, publicação de Imprensa própria, angariação de fundos, reforço orgânico e a realização de todas as demais tarefas

prementes desta hora.

5. — Finalmente, o Conselho Directivo, na sua reunião, proclamou o firme propósito de prosseguir numa política de unidade ampla, pela participação franca e dedicada dos seus companheiros e amigos nas C. D. E. e outras comissões do movimento democrático unitário, no movimento sindical, nas lutas dos trabalhadores e estudantes, no movimento cooperativo e na Liga dos Direitos do Homem.

Manifestou também o seu repúdio por qualquer tratamento preferencial, reivindicativo como para si o pleno direito de todos os partidos democráticos e populares se organizarem e actuarem em condições de perfeita normalidade.

Lisboa, 28 de Abril de 1974. O conselho directivo.

PARTIDO COMUNISTA

1. O movimento militar que, no dia 25 de Abril, depôs Américo Tomás e o Governo de Marcelo Caetano, marca uma viragem na situação política portuguesa. O golpe militar culmina o agravamento da crise do regime, de que foram factores determinantes as contradições e dificuldades internas, a luta do povo português e dos povos submetidos ao colonialismo português e a condenação e isolamento internacionais da política do Governo. O golpe militar é ao mesmo tempo expressão da adesão de parte importante das Forças Armadas às reclamações democráticas fundamentais do povo português. Abrem-se reais perspectivas para que num curto prazo, seja liquidada a ditadura fascista, seja posto fim à guerra colonial, e seja instaurado em Portugal um regime democrático.

O P. C. P. saúda calorosamente todos os militares, que, no vitorioso movimento das Forças Armadas, agiram e agem com a firme determinação de que estes objectivos sejam plenamente alcançados.

2. O Governo foi deposto, mas o regime fascista não foi ainda completamente destruído. Continuam em pé muitas das suas instituições e instrumentos. As liberdades não foram ainda instauradas. Existe o perigo de um contragolpe dos elementos mais reacçãoários. É urgente, por um lado, a liquidação do Estado fascista e dos ninhos e forças de conspiração contra-revolucionária e por outro lado, a participação das forças democráticas e das massas populares na vida política e na obra de renovação necessária e possível no momento presente.

A completa dissolução da P. I. D. E./D. G. S. e de todas as suas estruturas, a amnistia, a libertação dos presos políticos e o regresso dos exilados, a



A bandeira portuguesa nas mãos de populares. A foto foi obtida nas imediações do Palácio da Cova da Moura

Foto Eduardo Gageiro

GANHE MAIS DINHEIRO E ASSEGURE SEU FUTURO!

Melhore seu emprego e aumente sua renda!
Aprenda em seu lar — Nas horas livres



TELEVISÃO, RÁDIO E ELECTRÓNICA

Torne-se técnico em Rádio, TV, Electrónica Industrial, FM, Difusão, Sistemas de Alta Fidelidade, Registro de Som, Etc.

Receberá DOIS RÁDIOS um de válvulas e outro de TRANSISTORES, SOLDADOR e DOIS PROVADORES um de VALVULAS, outro de CIRCUITOS.



MECÂNICA AUTOMOTRIZ E DIESEL

Prepare-se em Reparação, Conservação e Afinação de Motores, Transmissões Automáticas, Sistemas Eléctricos e de Injeção, Motores Industriais e Marítimos. Receberá ANALISADOR, INDICADOR DE PRESSÃO, LÂMPADA DE SINCRONIZAÇÃO, FERRAMENTAS E CHAVES.



INGLÊS PRÁTICO, com DISCOS

Aprenda a LER, ESCRIVER, ENTENDER e FALAR Inglês na forma mais rápida e conveniente com DISCOS e LIÇÕES. Assure-se um posto importante e bem remunerado. Receberá LIÇÕES, EXERCÍCIOS, AUDIÇÕES FONOGRAFICAS, DICCIONÁRIO BILÍNGUE, ETC.

V. S. PODE PAGAR EM MOEDA DE SEU PAÍS

NATIONAL SCHOOLS
4000 South Figueroa Street
Los Angeles, Calif., U.S.A.

Prepare-se com o Sistema Rosenkranz de APRENDER FAZENDO de National Schools, Escola dedicada ao Ensino Técnico-Prático por mais de 65 anos. Uma Instituição capaz, responsável e séria.

NATIONAL SCHOOLS
14000 So. Figueroa St. Depto 3
Los Angeles, Calif., U.S.A. 90034

Envie-me informações completas sobre o curso de: (Indique somente um curso)

☐ Rádio ☐ Mecânica ☐ Inglês
☐ Televisão ☐ Automotriz ☐ Prático

Nome _____ Idade _____

Endereço _____

Cidade _____ Est. _____

MANDE ESTE CUPÃO HOJE MESMO

permissão imediata da livre actuação do movimento democrático contam-se entre as provas imediatas das reais intenções da Junta de Salvação Nacional e do seu propósito de pôr fim completo ao regime fascista e de cumprir o mandato que lhe foi confiado pelo Movimento das Forças Armadas.

O P. C. P. declara solenemente que apoiará activamente como vitórias da luta popular todas as medidas concretas tomadas para a liquidação do fascismo e a real democratização da vida política portuguesa.

3. O Movimento das Forças Armadas proclamou na manhã do dia 25 e a Junta Militar confirmou na sua proclamação da noite de 25 para 26 ser seu propósito a instauração das liberdades democráticas e a realização de eleições livres. Trata-se de objectivos fundamentais, por que lutaram sempre sob a ditadura fascista o P. C. P. e as forças democráticas e que têm o activo apoio das mais amplas massas populares. As promessas devem transformar-se rapidamente em actos. Alguns pensarão ainda ser possível substituir a ditadura fascista por uma ditadura militar. É necessário impedir que tal projecto possa ser levado por diante defraudando as esperanças do povo português e a vontade dos militares que corajosamente se levantaram para pôr fim ao fascismo e restituir ao povo português as liberdades de que foi privado ao longo de quase meio século de ditadura.

4. A guerra colonial tornou-se um dos problemas centrais da situação política portuguesa. Tratando-se de um problema que interessa toda a Nação, o primeiro passo é acabar de vez com a interdição do seu debate público e abrir a possibilidade real de que todos os portugueses possam expressar e defender livremente a sua opinião.

O P. C. P. insiste em que urge abrir negociações e pôr rapidamente fim à guerra colonial, no reconhecimento do direito à imediata e completa independência dos povos submetidos ao colonialismo português. Quaisquer projectos que visassem manter, sob novas formas, a dominação colonial portuguesa, não só não contribuiriam para a solução do problema como conduziriam inevitavelmente a um novo agravamento da situação económica, social e política em Portugal.

O povo português deve ser chamado a viver a última palavra em relação à política a seguir num tão magno problema.

5. A realização de eleições livres para uma assembleia constituinte serão um passo de capital importância para abrir um processo de transformações democráticas da sociedade portuguesa. Sob nenhum pretexto esse objectivo deve ser desvirtuado. É equívoca a proclamação da Junta, ao anunciar, por um lado, eleições para uma assembleia constituinte e por outro lado a eleição do Presidente da República, dando, portanto, já como aprovada determinada disposição constitucional que só a assembleia poderá vir a decidir.

Eleições livres terão de implicar uma lei eleitoral democrática, um recenseamento honesto controlado pelo povo, o direito de actuação dos partidos políticos, as liberdades de Imprensa, de propaganda e de reunião, e a fiscalização efectiva do acto eleitoral.

Na situação específica agora existente, a melhor garantia para a realização de eleições realmente livres seria a constituição de um Governo provisório com a representação de todas as forças e sectores políticos democráticos e liberais. O P. C. P. declara-se pronto a assumir as responsabilidades respectivas.

6. O P. C. P. adverte contra quaisquer propósitos de discriminação anticomunista. Não pode haver liberdade em Portugal sem a legalidade do P. C. P., principal força na luta contra a ditadura fascista durante as dezenas de anos da sua existência, luta na qual os comunistas fizeram sacrifícios inigualados. Não podem tão-pouco realizar-se as profundas transformações democráticas da sociedade que os problemas nacionais impõem, sem a activa participação do P. C. P., partido dos trabalhadores, o grande partido do movimento antifascista português. A legalidade do P. C. P. será o verdadeiro critério da instauração das liberdades democráticas em Portugal.

7. A liquidação da ditadura fascista, a instauração das liberdades, a realização de eleições verdadeiramente livres exigem que, neste momento crucial, a classe operária, as forças democráticas, a juventude, as massas populares, tomando por um lado uma atitude positiva em relação a quaisquer medidas da Junta Militar, que vão ao encontro das reclamações populares, desenvolvam por outro lado a mais ampla acção insistindo nas reclamações essenciais do movimento democrático.

É necessário mais que nunca reforçar a unidade na acção da classe operária, das forças democráticas, da juventude, de todos os antifascistas, e anticolonialistas portugueses. É também necessário e possível forjar uma sólida união entre as forças populares e os militares de sentimentos democráticos (oficiais, sargentos e soldados), que intervieram numerosos no movimento militar. Essa união será nas condições presentes uma das mais sólidas garantias da liquidação final do fascismo, da instauração de um regime democrático em Portugal, da paz, da defesa, da independência nacional.

8. Fica assim claramente definida a posição do P. C. P. em relação ao movimento militar de 25 de Abril, imediatamente após a proclamação à Nação da Junta de Salvação Nacional, feita pela R. T. P. na noite de 25 para 26.

Está ao alcance do povo português a liquidação da ditadura, o fim da guerra, a instauração de um regime democrático. Da unidade, da organização e da acção pronta e audaciosa de todos os democratas depende fundamentalmente que tais objectivos sejam alcançados.



Bom dia Marquês de Pombal!

Este é o gerente do Banco Borges & Irmão
na Rua da Constituição, 538

Viajar com a família pelo país ou pelo estrangeiro é a grande «paixão» do Sr. Hernâni da Costa. Faz 23 anos que entrou para o Banco Borges & Irmão. Hoje, é um dos nossos técnicos mais experientes. Qualquer que seja o seu problema conte com ele. Ele estará a seu lado e tudo fará para transformar o seu dia num Bom-dia! Dentro algum tempo vamos falar-lhe dos nossos colaboradores de Aveiro, de Mirandela, de Vila do Conde. Dos nossos colaboradores do país inteiro.



**Banco
Borges & Irmão**

um amigo
em todo o País

onde há Bac há Frescura



bac



novos Bac Desodorizante e Anti-Transpirante

DRY (castanho)
com luxuosa fragrância

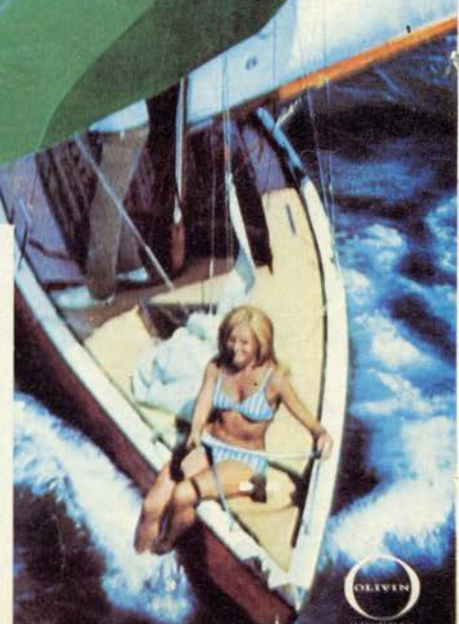
DISCREET (rosa)
discretamente perfumado de acção agradável

NATURAL (verde)
proporciona uma frescura completamente natural

SEM ÁLCOOL (azul)
especialmente suave na sua acção em peles sensíveis

ANTI-TRANSPIRANTE (laranja)
regula eficazmente a transpiração

Bac-Frescura que Perdura



Jornalistas estrangeiros em Portugal

O que pensam do "25 de Abril"

Alertados por meia dúzia de telex e outras tantas informações contraditórias, alguns dos nossos camaradas da Imprensa estrangeira fizeram as malas o mais depressa que puderam e utilizaram o comboio e o automóvel para chegar mais rapidamente à capital portuguesa.

Informadores e formadores das diversas correntes de opinião pública, nos respectivos países, as suas declarações reflectem as dúvidas que assaltaram o mundo perante o eclodir do golpe militar.

CORRADO INCERTI, enviado especial de "L'Europeo", órgão milanês de centro-esquerda, chegou no dia 26 de Abril a Lisboa. Para o conseguir teve de tomar o avião em Milão, até Madrid. Na capital espanhola transferiu-se para o automóvel. Chegou a Badajoz onde fez um compasso de espera de várias horas, devido ao encerramento da fronteira. Às 17 horas aproveitou uma aberta para passar juntamente com a equipa do Sporting que aí se encontrava retida. Às 20 assistia já às manifestações no Rossio.

"S. I." — Como reagiu à notícia do golpe de Estado em Portugal?

C. I. — Pensei, primeiro, que havia apenas um golpe de Estado normal, uma guerra

entre militares, ao mais alto nível. No avião, vinham mais três jornalistas ("Il Giorno", de Milão, "L'Unità", e "Paese Sere", de Roma) e todos tivemos essa ideia.

"S. I." — Em Itália, a que informações tinham acesso?

C. I. — Não havia nenhuma informação. Apenas três ou quatro telex. É que 25 de Abril é feriado em Itália. Comemora-se a Libertação do fascismo em Itália e coincide ainda com o fim da guerra. Assim, partimos sem nada saber, com as redacções fechadas.

"S. I." — Ao tomar contacto "in loco" com os acontecimentos, quais foram as primeiras impressões?

C. I. — É estranho na Europa que a liberdade venha com os militares. É a

primeira vez. Mas deve dizer-se que Portugal não era um país europeu. Nas condições em que estava Portugal, o golpe de Estado trouxe a liberdade.

"S. I." — Que condições apontavam vocês?

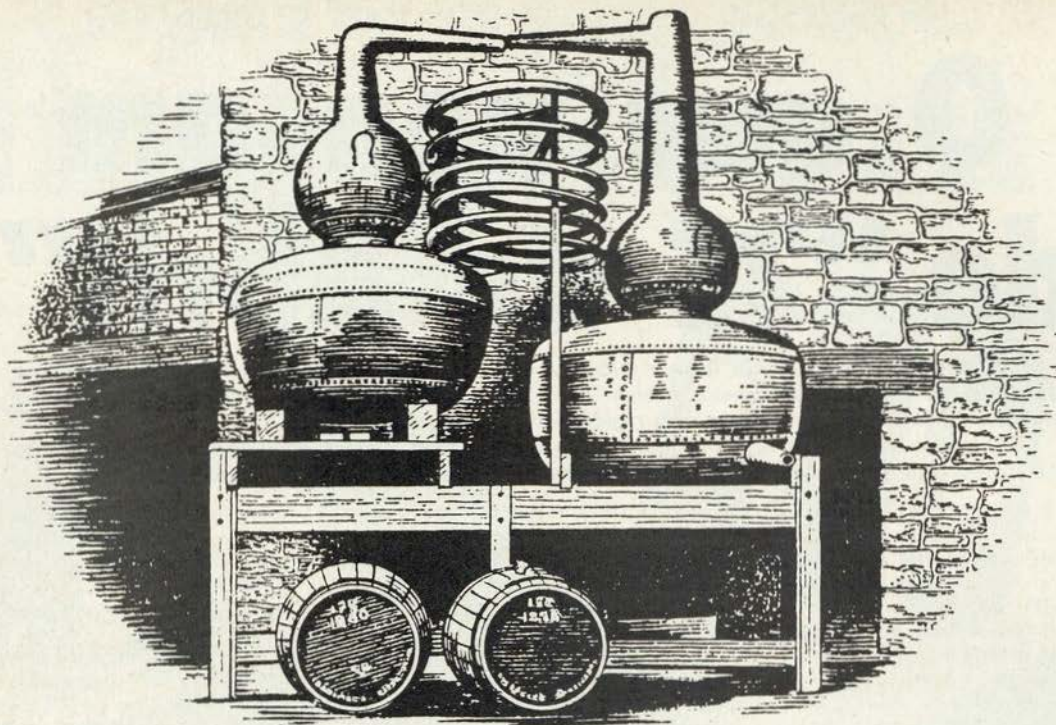
C. I. — Regime totalitário, falta de atitude política, e, em particular, a caça aos elementos políticos e a guerra em África que se estava a perder no plano territorial.

No plano económico, eu penso que é este particular a verdadeira razão do êxito do general Spínola. Mas, neste momento, com o entusiasmo das pessoas é importante continuar a liberalização, antecipar as eleições gerais e democráticas. Neste caso, então, o general Spínola será lembrado pela

Foto Eduardo Gageiro



Corrado Incerti, de "L'Europeo", afirmou à nossa reportagem: "É estranho, na Europa, que a liberdade venha com os militares. É a primeira vez." Este foi um dos carros que garantiu o controlo, na manhã do dia 25, do Terreiro do Paço



HÁ 100 ANOS JÁ ERA ASSIM !

Hoje apreciadores de todo o mundo pedem VAT 69! Porque VAT 69 é tradição e qualidade! É um genuíno Whisky Escocês! O tempo passou, mas, como antes, para VAT 69 são seleccionados os melhores produtos escoceses (os únicos que dão bom "Scotch") e, cada fase é acompanhada por um conhecedor "à antiga"!

BEBA VAT 69 !

NA VELHA TRADIÇÃO DO SCOTCH, A QUALIDADE QUE O SEU GOSTO PREFERE !

PRODUZIDO E ENGARRAFADO NA ESCÓCIA

Representantes exclusivos:
DELAFORCE SONS & CIA.





Foto Eduardo Gageiro

Os acontecimentos ocorridos em Portugal trouxeram até nós muitas dezenas de jornalistas estrangeiros. Falámos com alguns. Foram eles que transmitiram ao mundo os momentos históricos que vivemos. Na foto, a conferência de Imprensa de Mário Soares em Santa Apolónia, quando regressou a Lisboa

história, como um herói nacional.

"S. I." — O que é que mais o impressionou nas manifestações a que assistiu?

C. I. — A espontaneidade. Quando visitei a sede da D. G. S., pensei que só aqueles 3000 homens eram o verdadeiro sustentáculo do fascismo. Atrás deles não havia nada. É típico do fascismo que tem uma fachada de papelão, e por detrás o vazio.

"S. I." — Quais serão, na sua opinião, os momentos mais difíceis para a Junta, nos próximos dias?

C. I. — São dois aspectos, os mais importantes, quanto a mim: uma solução unitária entre a Junta e as organizações políticas sobre o problema das colónias

africanas; e a segunda, já a citei: decidir formar uma Assembleia Constituinte em poucos meses, porque a educação política das pessoas virá depois.

"S. I." — E quanto à reacção?

C. I. — Há dois tipos. Reacção militar, novamente, é impossível. Há é a reacção da direita política. Mas com uma democracia, pode-se neutralizá-la. O grande capital, esse, pode ir com uma movimentação centro-esquerda, sem grandes problemas. Na Itália, que é um país capitalista, há socialistas no Governo e já se fala na inclusão dos comunistas. Em Portugal falta um partido de centro.

BERNARD BENJAMIN é repórter de France-Inter, rádio nacional francesa. Chegou a Lisboa, com o seu técnico de som,

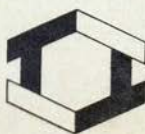
vinde de Badajoz, no dia seguinte ao eclodir do Movimento das Forças Armadas.

"S. I." — Quais foram as impressões colhidas na rua, em Lisboa?

B. B. — Caímos logo à chegada numa manifestação na Av. da Liberdade. A minha primeira impressão é que as pessoas não sabiam já o que era a liberdade e vinham sem mais para a rua. Tinha a convicção de que elas próprias não sabiam muito bem o que significava tudo aquilo. Pareceu-me que só havia esquerda e extrema-esquerda. Quando assistimos à chegada de Mário Soares já nos pareceu que a manifestação era composta por antigos sindicalistas, uma esquerda moderada.

"S. I." — Como reagiu a opinião francesa às primeiras notícias?

**LEIA
VIDA MUNDIAL**



THOMSON
frigoríficos • máquinas de lavar roupa e de louça

① garantia sonipol

B. B. — Com surpresa, porque não esperava tão depressa o golpe de Estado, e também com alegria, já que é um povo que se liberta.

"S. I." — Daquilo que já viu e viveu, pode formar uma opinião sobre este Movimento?

B. B. — Não posso dizer a minha opinião, porque represento a rádio oficial francesa. Estou aqui apenas para constatar. Falei com pessoas de todas as cores, menos com militares. Agora, eles não têm muito tempo para falar. Há muitos problemas a resolver.

JEAN GUYEAUX é repórter fotográfico

da Agence Belge. Chegou a Lisboa no dia 26 e, como a grande maioria dos seus colegas, via Madrid.

"S. I." — Qual era o ambiente em Bruxelas face ao golpe militar em Portugal?

J. G. — Toda a gente pensa que o regime caiu, mas que ainda não é um regime de esquerda; parece-me mais uma liberalização centrista. É muito difícil de definir porque, apesar desta aparente liberalização, isto pode tornar-se numa ditadura militar. É muito provável que vocês passem de uma ditadura de direita a uma ditadura militar.

Foto Eduardo Gageiro



Os nossos repórteres acompanharam momento a momento o cerco à sede da D. G. S., na Rua António Maria Cardoso. Aspecto do aparato militar montado no princípio da tarde do dia 25 de Abril

"S. I." — Dos acontecimentos de rua, a que é que a sua câmara deu mais relevo?

J. G. — A entrada da população no edifício da Mocidade Portuguesa, e a detenção dos elementos da P. I. D. E., denunciados pelas pessoas. Há uma psicose reinante que pode vir a ser muito perigosa. Assisti, por exemplo, às perseguições da multidão a um turista alemão na Praça da Figueira, acusado de ser um "pide"! Algumas pessoas estão a reagir descontroladamente aos acontecimentos, ao contrário das forças militares, onde reina uma disciplina liberal e muito tacto. É sobretudo notório nas relações que há entre eles e a população, mas, sobretudo, entre eles.

"S. I." — Qual a pergunta que mais o assedia neste momento?

J. G. — Quem pôs Spínola e porquê?

"S. I." — O que é importante definir-se nestes próximos dias?

J. G. — O mais importante é ver se na quarta-feira, dia 1 de Maio, as pessoas descem para a rua, e sobretudo os operários, ou se isto é representativo apenas de grupos intelectuais de esquerda. Até agora não vi operários na rua.

A finalizar estes depoimentos "O Seculo Ilustrado" falou com o jovem HAILLOT JACQUES, repórter de "L'Express". Haillot é um grande amigo de Portugal, onde vem passar todos os anos as férias, de há treze anos para cá. O pai, médico, cá ficou. E Haillot conhecia bem a situação portuguesa anterior ao golpe militar do 25 de Abril!

"S. I." — Como encara a mudança?

H. — O que eu achei mais extraordinário logo à chegada foram as relações entre as pessoas na rua, com o Exército. Eu sabia já que se passava algo de muito importante em Portugal. Era preciso verificar se o que se contava em França era verdade — a liberalização — por isso vim. É muito importante saber o que significa a chegada de Spínola ao Poder. A pergunta que fazemos é se ele se manterá o grande Spínola ou se, pelo contrário, desaparecerá da cena política? O problema maior dos jornalistas é detectar se esta liberalização efectiva de momento se manterá apenas alguns dias.

"S. I." — Nesse particular está convencido de...

H. — Eu penso que o movimento é irreversível. Há necessidade de eliminar esses grupos, como o M. R. P. P., que estão por todo o lado, fazem muito barulho, mas não são representativos.

"S. I." — Já se fazem então previsões entre a Imprensa francesa?

H. — É preciso que agora Portugal seja falado como se pertencesse à Europa. Para nós jornalistas, é muito importante, como primeiro degrau para isso, o abraço de Mário Soares com Spínola. Pode ser o primeiro passo para uma maioria alargada em que entre uma direita, um centro e uma esquerda liberal.

Ana Maria tem 23 anos e trata a sua pele com Tokalon.
Porque sabe que um dia terá 30...



O melhor meio de manter a pele jovem é começar a tratá-la cedo. Trate a sua pele regularmente. Com TOKALON. Cuide dela à noite aplicando o creme de noite especial TOKALON. Defenda-a do sol e do vento com um dos cremes de dia TOKALON. Pura e livre, sim, mas protegida contra o meio ambiente. Se a sua pele está fatigada, estimule-a com o creme Vitaminado Skin Beauty. TOKALON é uma gama completa de cremes de beleza para qualquer tipo de pele. Um programa total de cuidados essenciais a ter com a pele. Desde o Leite de limpeza ao Tónico revitalizante. Entre os cremes TOKALON, há pelo menos um de que a sua pele carece neste momento. Descubra-o pois ainda está a tempo.



Um pouco de **Tokalon** pode fazer muito por si.

-Você precisa saber o que lhe oferece um Seguro de Vida.

pali



-Eu?... Porquê?...

Porque é um homem consciente e actualizado.
O Seguro de Vida Soberana
protege sempre a família e dá-lhe confiança
para enfrentar o futuro.
Nos estudos, na formatura, no casamento de seus
filhos e para um justo complemento de reforma.
A Soberana é uma Companhia especializada.
Peça mais informações.

**Com um SEGURO DE VIDA
SOBERANA
começa hoje um amanhã melhor.**



GRUPO SEGURADOR

MUTUALIDADE

SOBERANA

ALLIANÇA MADEIRENSE

RUA MARTENS FERRÃO, 11 - TELEFONE 562441/6 - LISBOA

Para avaliar melhor as vantagens proporcionadas pelos SEGUROS DE VIDA SOBERANA nas várias modalidades, preencha, recorte e envie-nos p.f. o cupão abaixo:

☒ A Companhia de Seguros **SOBERANA** - RUA MARTENS FERRÃO, 11 - LISBOA

Queiram enviar-me, sem compromisso, documentação referente a SEGUROS DE VIDA.

NOME

MORADA TELER

Mário Soares em terra portuguesa

Doze minutos faltavam para as 13 horas quando se anunciou que chegara Mário Soares. Doze minutos faltavam para as 13 horas quando naquele dia 28 de Abril um comboio não conseguiu entrar na gare porque trazia uma pessoa — Mário Soares, o primeiro exilado político, com responsabilidade socialista, a regressar ao País.

Mário Soares, que regressou acompanhado de Ramos da Costa e Tito de Morais, membros da direcção exterior do seu partido, falou à multidão que o aclamava delirantemente, antes de se encontrar, no Palácio da Cova da Moura, com o general Spínola.

O dirigente socialista manifestou a sua confiança na evolução política portuguesa a seguir ao Movimento Militar que derrubou o regime do prof. Marcelo Caetano e salientou que "o momento não é de rivalidades partidárias mas de unidade democrática".

Entusiasticamente aclamado pela multidão, Mário Soares afirmou, da varanda do edifício, que "as Forças Armadas restituíram ao País a voz e a alegria, num acto histórico que nunca mais podemos esquecer".

"Compete agora ao povo, aos

O general Spínola e Mário Soares, quando este foi saudar o presidente da Junta de Salvação Nacional à Cova da Moura



Fotos Eduardo Gageiro



Pouco antes da chegada do dr. Mário Soares, Hermínio da Palma Inácio foi alvo de entusiástica atenção da multidão reunida em Santa Apolónia

Terylene a moda mundo

Insista para que
lhe mostrem a etiqueta
ela e a sua defesa!



Calças em Terylene/la

Distribuidores em Portugal:

Textil Myhre, Salgado, Lda. R. L.



trabalhadores, organizar a democracia" — notou o líder socialista, sempre aclamado delirantemente pelo público.

"Presto a minha homenagem a todos aqueles que, ao longo desta noite de 48 anos, nunca se renderam ao fascismo" — continuou Mário Soares, ao lado de quem se viam Manuel Serra, Ramos da Costa, Magalhães Godinho e Tito de Morais.

A maior ovação viria quando o dirigente socialista citou o nome de Humberto Delgado, "um daqueles bravos que ficaram no caminho". Manuel Serra, Dias Lourenço e Palma Inácio, representando "aqueles que sofreram heroicamente pela libertação do Povo Português", foram também demoradamente aplaudidos.

"Presto as minhas homenagens às Forças Armadas, que restituíram ao País a voz e a alegria, num acto histórico que jamais poderemos esquecer. Compete agora ao povo, aos trabalhadores, organizar a democracia."

"Camaradas — terminou Mário Soares —, temos muito que fazer na tarefa de reconstrução da nossa Pátria. Temos de conseguir que a riqueza seja distribuída entre quem trabalha."

E acentuou: "É indispensável dar ao mundo uma imagem de responsabilidade, de unidade e de disciplina."

Grandes ovações e novos estribilhos coroaram o discurso do dirigente socialista.

COM SPÍNOLA NA COVA DA MOURA

Precedido por uma enorme multidão que, continuamente, se manifestava com vivas ao socialismo e à liberdade, empunhando a bandeira nacional e cartazes com as mais diversas proclamações de júbilo, não faltando flores, e entoando, por vezes, o hino nacional, Mário Soares chegou à Cova da Moura por volta das 14 horas.

Sabia-se, desde a manhã, que o líder socialista se iria encontrar com o general António de Spínola.

Quando o carro com o dirigente político chegou ao palácio, precedido por um cortejo de automóveis que buzonavam ininterruptamente e cujos motoristas faziam para a multidão o sinal da vitória, o dr. Mário Soares, acompanhado do dr. Raul Rego e de outras figuras do Partido Socialista, foi logo introduzido numa das salas contíguas ao gabinete do presidente da

Junta de Salvação Nacional, onde o general Spínola se lhe reuniu.

O abraço entre os dois homens públicos foi longo e apertado. Era visível a profunda emoção dos dois homens públicos neste primeiro encontro. Depois de, juntos, terem posado para os fotógrafos, o general Spínola conduziu o dr. Mário Soares para o seu gabinete, onde a entrevista entre ambos decorreu.

Palavras do dirigente socialista, que não podemos deixar de acentuar, são as seguintes:

"É agora que todos os problemas que se põem à nossa Pátria vão começar." Num outro passo, manifestou um "vivo reconhecimento ao Povo francês pelos anos de liberdade que lhe permitira viver" e que constituem, "uma experiência de grande riqueza na sua vida".

"O Povo é o grande beneficiário desta vitória das Forças Armadas. É claro que tudo começa agora. Há uma grande quantidade de problemas a resolver, problemas de ordem económica, como a inflação, problemas políticos, como o da necessidade da instituição de sindicatos livres e o respeito pelos princípios de autodeterminação." ■



Maria Barroso e Mário Soares, o casal finalmente reunido em terra portuguesa

Foto Alfredo Cunha

DECORE A SUA CASA E GANHE DINHEIRO ESTUDANDO DECORAÇÃO

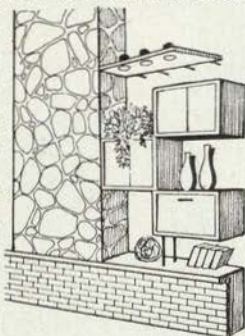


POR CORRESPONDÊNCIA, A UM PREÇO MÓDICO, QUE LHE DARÁ DIREITO A RECEBER CADERNOS DE LIÇÕES E MATERIAL COMPLEMENTAR E A DISPOR DE UMA ASSISTÊNCIA PEDAGÓGICA PERMANENTE E COMPLETA QUE INCLUI CORRECÇÃO DE EXERCÍCIOS E RESPOSTA A TODAS AS DÚVIDAS E CONSULTAS SOBRE A MATÉRIA, APROVEITANDO OS TEMPOS LIVRES, SIGA UM CURSO DE ALTA QUALIDADE QUE O CETOP SE ORGULHA DE OFERECER AO PÚBLICO. APRENDA A DOMINAR ESTA ARTE DE PLENA ACTUALIDADE.

Você pode seguir este excepcional **CURSO DE DECORAÇÃO** na sua própria casa, beneficiando das múltiplas vantagens que o seu estudo lhe proporcionará. Decorará a sua casa e, assim, além de a embelezar, estará também a adquirir prática. Provará desse modo o seu bom gosto e aplicará os conhecimentos aprendidos no curso. Poderá ganhar dinheiro logo enquanto estuda, pois durante o curso estará já em condições de fazer projectos e arranjos de decoração, e bastar-lhe-á o que recebe por um projecto para pagar totalmente o curso. Tendo o curso completo, possuirá um *arquivo profissional* constituído por uma colecção de mais de 600 gravuras e uma *autêntica enciclopédia* de 1800 páginas.

Quando for decorador — ou decoradora — terá as maiores facilidades em conseguir bons rendimentos, pois são inúmeras as oportunidades que esperam por si. Poderá, por exemplo, colaborar com arquitectos, encarregando-se da parte decorativa dos projectos e instalações. Se preferir, poderá empregar-se em lugares com alto ordenado e de trabalho agradável e interessante em empresas de decoração e mobiliário ou em outras actividades. Mas poderá também estabelecer-se por conta própria, dedicando-se a decorar interiores de habitações, estabelecimentos comerciais, salas de espectáculos, lugares públicos, etc.

Que estudará? O curso dá-lhe uma completa formação técnica, de natureza muito prática, sobre todas as matérias de decoração. Ficará preparado para todos os trabalhos que um decorador deve saber realizar, estudando, em termos práticos, «Teoria de Decoração» e outras disciplinas, como «Complementos Decorativos», «Conjuntos e Projectos», «Esboços e Desenhos», «Técnica do Móvel», «Estilos Artísticos».



...preencha com letra clara o cupão junto e envie-o, por favor, a
CETOP — Centro de Ensino Técnico e Orientação Profissional

Apartado 7 — Mira Sintra — Mem Martins — Portugal



o estudo em sua casa



500
Hermesetas
Extra-doce

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

ÉCRINAL



a última descoberta da Ciência para o tratamento das

PESTANAS — Ecrinel Cils
UNHAS — Ecrinel Ongles
CABELOS — Shampooing
Ecrinel Cheveux • Lotion Ecrinel

Produtos dos
LABORATOIRES ASEPTA
MONACO

Pedido de literatura e amostra de Ecrinel Ongles à

ARIANE

Rua Aprígio Majra, 33, 1.º-Esq.
Tel. 77 23 33 — Lisboa - 5

ESTUDE

RÁDIO TELEVISÃO E TRANSISTORES



A VIDA MODERNA EXIGE
HOMENS PREPARADOS

Em sua casa, por correspondência, recebe lições, ferramentas, aparelhos de laboratório e material para praticar.

Em pouco tempo e economicamente será um verdadeiro técnico.

Peça o folheto grátis à

EURORÁDIO

Av. Manuel da Maia, 32
Lisboa I Telef. 43563



Nome _____

Morada _____

Localidade _____ S I

Queiram enviar-me, sem compromisso, o folheto do curso de

Nome: _____

Morada: _____

Localidade: _____

Ref.* _____

CETOP

Membro do Conselho Europeu
de Ensino por Correspondência

LEIA A VIDA MUNDIAL

Partido Comunista na legalidade

Catorze anos após ter-se evadido da cadeia de Peniche, em 3 de Janeiro de 1960, regressou a Portugal o secretário-geral do Partido Comunista, Álvaro Cunhal.

A sua chegada, anunciada na véspera pela rádio e pela televisão na noite de 29 de Abril, atraiu ao aeroporto da Portela uma multidão numerosa, constituída por simpatizantes e militantes do Partido Comunista Português, e ainda por muitos antifascistas que aproveitaram a oportunidade para ovacionar aquele que foi, durante muitos anos, um símbolo da resistência democrática.

Um enorme dispositivo de segurança foi montado para assegurar a protecção de Álvaro Cunhal. As entradas e saídas do aeroporto estavam rigorosamente vigiadas, só ali podendo penetrar os viajantes em curso, a Imprensa, os dirigentes das diversas correntes de opinião, os partidários mais

chegados a Álvaro Cunhal e a sua própria família, depois de devidamente identificados.

Eram 13 e 50 quando o avião que transportava o dirigente comunista, proveniente de Paris, aterrou na Portela.

Aguardavam-no, para lhe apresentar cumprimentos, em nome do Partido Socialista Português, Mário Soares, Tito Morais e Francisco Salgado Zenha; pela C. D. E.: Francisco Pereira de Moura, Sotto-Mayor Cardia, Herberto Goulart, Graça Mexia, Luísa Amorim, Vítor Dias, Gilberto Lindim Ramos, Francisco George, Urbano Tavares Rodrigues.

O Comité Central do Partido Comunista Português fez-se representar por Octávio Pato, Joaquim Gomes dos Santos, Carlos Brito e Dias Lourenço.

Conduzido para uma sala, onde imediatamente trocou impressões com as personalidades políticas presentes, Álvaro Cunhal, muito instado pelos jornalistas portugueses e estrangeiros, que se

encontravam no aeroporto, acabou por aceder a responder a algumas perguntas que lhe foram feitas, declarando: "Neste momento, o futuro do nosso país está nas mãos de todos os democratas que desejem libertar-se do fascismo", exprimindo a sua confiança na vitória alcançada pelas Forças Armadas em 25 de Abril, a qual virá seguramente a orientar o País "para os caminhos da democracia e da paz".

Após responder a algumas perguntas que lhe foram dirigidas sobre a situação na América Latina e na África ("são conhecidas as posições do nosso Partido a esse respeito", afirmou), acabou por declarar que a maior dificuldade que se deparava às forças democráticas portuguesas, neste instante, "era não terem força bastante para se manterem unidas em torno do Movimento das Forças Armadas", de forma a tornar impossível o regresso ao regime que dominou o País.

Pouco depois, rodeado por um numeroso grupo de pessoas, entre as quais se contavam os 50



Álvaro Cunhal chega a Lisboa. Um rosto desconhecido dos portugueses

Foto Alfredo Cunha



Muitas pessoas foram ao aeroporto da Portela festejar o regresso do líder do Partido Comunista Português

exilados políticos que, com ele, decidiram regressar ao País, Álvaro Cunhal encaminhou-se para a saída do aeroporto, subindo para um carro militar, descoberto. Acompanhavam-no, entre outros, o secretário-geral do Partido Socialista Português, Mário Soares.

Empunhando um altifalante, Álvaro Cunhal dirigiu-se então à multidão, sendo frequentemente interrompido com gritos de regozijo e apoio às suas palavras.

No seu discurso, Cunhal referiu a necessidade de consolidar o pronunciamento militar de 25 de Abril, afirmando: "Nós, os comunistas, estamos dispostos a defender os princípios por que nos batemos, dando, se necessário, as nossas vidas, como sempre o fizemos, para conquistar a liberdade." E ainda: "O Partido Comunista está preparado para assumir as responsabilidades respectivas."

Dirigindo-se aos trabalhadores, aos estudantes, às mulheres, aos democratas e aos patriotas, o secretário-geral do P. C. apelou uma vez mais para a necessidade da unidade de todas as forças antifascistas na consolidação da queda do antigo regime, acautelando todos quanto ao perigo de repressão que pode vir do passado.

Preconizou, entre outras medidas, a instituição, tão breve quanto possível, de um Governo provisório com representação de todas as tendências, a realização de eleições livres e o termo da guerra colonial.

"É preciso que os dias negros que vivemos não voltem mais. Se trabalharmos e lutarmos unidos,

eles não voltarão. Estamos habituados às dificuldades: unidos venceremos."

Uma estrondosa ovação cobriu as últimas palavras de Álvaro Cunhal, que seguiu do aeroporto para o Palácio da Cova da Moura, a fim de se entrevistar com o general António de Spínola, presidente da Junta de Salvação Nacional.

Entre as personalidades que aguardavam no aeroporto da Portela o secretário-geral do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal, foi possível colher as seguintes declarações para a nossa revista:

Carlos de Brito, representante do Comité Central do P. C.

— Posso afirmar, com segurança, que desde há meses e, particularmente desde Outubro, pensava que a queda do regime estava iminente. "Isto" tinha de se dar; o isolamento "deles" era total. Pergunta-me se, desencadeado o golpe, em 25 de Abril, fiquei surpreendido com a rapidez com que evoluíram os acontecimentos: direi que sim, antes de ver desenvolverem-se os movimentos de massas, que agiram, aliás, no sentido que preconizávamos".

Eng. Tito de Morais, da direcção do Partido Socialista Português.

— Que penso do actual momento político? Penso que entramos numa era nova no nosso País, que é preciso consolidar o novo sistema que nos leva à democracia por que há tantos anos esperávamos e estamos certos de conquistar desta vez.

P. — Ainda não a conquistamos?

— Não, e é compreensível que assim seja. Contudo, o programa das Forças Armadas constitui

uma garantia que nos dá a certeza que conquistaremos a breve prazo aquela democracia por que lutamos há tanto tempo.

P. — Fala de democracia, não de socialismo...

— O nosso partido luta por um socialismo democrático. Consideramos as duas palavras síndrimas.

Ary dos Santos, poeta.

— Nunca pensei que isto viesse a acontecer tão rapidamente: estar hoje aqui, neste aeroporto, a receber Álvaro Cunhal. Que penso do dia de hoje? Penso que é um dia glorioso para as Forças Armadas e para todos os comunistas portugueses, lutando uns às claras, outros na sombra, e que têm a sua quota-parte neste processo. Se muitos deles não tivessem sido torturados, presos, perseguidos, Álvaro Cunhal não teria chegado a entrar em Portugal.

Sotto-Mayor Cardia, membro do Partido Socialista Português e da C. D. E.

— Este momento que estamos aqui a viver representa o regresso de um grande lutador antifascista, um iminente dirigente político, que era até há pouco o português mais excluído do convívio dos seus concidadãos.

João Vieira, pintor.

— Acabo de desembarcar em Lisboa, vindo de Londres, onde ouvi a notícia do golpe pela rádio. Que dizer? Estou demasiado emocionado, feliz por estar aqui. Que devem fazer os artistas neste momento? Mais do que nunca, acho que um artista é um homem como qualquer outro. O seu lugar é na rua.



Gessy sabonete de limão!

Sinta uma cascata
de frescura viva... saltitante!
Tome um banho de frescura!
Tome um banho
de sabonete Gessy—limão!
Sinta Gessy!
No banho...



Gessy é frescura de limão!

Veiga Simão ao "Seculo Ilustrado"

"Fui condicionado"

Há poucos anos, ele prometeu uma profunda reforma no sistema do ensino em Portugal. Não era filiado da Mocidade, da Legião ou da A. N. P. Defendendo-se de compromissos políticos, Veiga Simão logrou merecer a amizade sincera de muitos estudantes e a desconfiança de outros. E agora, professor? Hoje, se pudesse, faria a mesma coisa? "Toda a gente sabe dos condicionalismos em que a reforma do ensino foi implantada. No entanto, é uma reforma digna que pode ser apresentada em qualquer país."

Ao considerar a reforma do ensino em Portugal "digna de ser apresentada em qualquer país", o ex-ministro da Educação Nacional responde a uma das perguntas feitas pelo repórter de "O Seculo Ilustrado" ao longo de uma breve entrevista obtida em exclusivo.

Trata-se, de resto, de uma resposta susceptível de profunda controvérsia. Todavia, não cabem aqui considerações sobre a matéria, já que, além do mais, essa — a da reforma do ensino — será uma das questões a equacionar pelo novo regime num debate livre em que se prevê a participação, finalmente autêntica, de todos os estudantes portugueses.

De momento, pareceu-nos importante recolher somente alguns depoimentos deste membro do Governo de Marcelo Caetano. A entrevista, de carácter informal, não foi espartilhada em perguntas condicionadas. Desta vez, também não, funcionou a máquina burocrática que impôs — durante tantos anos — o pedido de audiência a muitos dias do encontro ou que metêssemos as perguntas num envelope.

Desta vez, bastou-nos carregar no botão do intercomunicador de um quarto andar direito, bem perto da Avenida de Roma.

Passamos a reproduzir, do gravador, uma entrevista que consentiu as perguntas mais díspares e desordenadas:

"S. I." — Esta é, para nós, uma pergunta sacramental: qual a opinião do prof. Veiga Simão sobre a situação actual no País?

Prof. Veiga Simão — No meu entendimento, os caminhos da liberdade e da

construção de uma sociedade democrática são aqueles que são mais convenientes para um futuro sadio e permanente do povo português. Na medida em que a Junta de Salvação Nacional se tornou a garantia perante os portugueses, desses caminhos, nenhum português deve deixar de apoiar.

A pergunta seguinte foi inspirada no conhecimento de que muitos membros do Governo marcelista gostariam de manter os seus cargos se o novo regime e o povo o consentissem.

"S. I." — O professor pensa ser reconduzido no cargo de ministro da Educação Nacional?

V. S. — Eu não tenho interesse no Poder.

Mais adiante, o prof. Veiga Simão viria a acrescentar que "no entanto, não deixarei de dar a minha opinião, aliás pressionado por muitos amigos, sobre aquilo que eu pensaria das formas de evolução para a construção da democracia por que todos ansiamos nos diversos domínios, económico, social, educacional e de garantia de liberdades cívicas e de reorganização do Estado".

Igualmente importante era saber, do prof. Veiga Simão, se o pai da reforma do ensino em Portugal teria procedido do mesmo modo em circunstâncias diferentes:

"S. I." — Digamos que... se tivéssemos vivido um outro regime, a reforma do ensino ter-se-ia processado de outro modo?, queremos dizer, haveria tido uma estrutura diferente?

V. S. — Toda a gente sabe dos condicionalismos em que a reforma do ensino foi implantada. No entanto, é uma reforma digna que pode ser apresentada em

qualquer país. É necessário executá-la.

"S. I." — Somos levados a pensar que hoje o senhor professor teria feito a mesma coisa, exactamente a mesma coisa. As estruturas de base, digamos, seriam as mesmas...

V. S. — Os problemas fundamentais expressos na lei do sistema educativo seriam idênticos. Isso não quer dizer que não viessem a haver aperfeiçoamentos, até porque a minha proposta foi de certo modo modificada na Câmara Corporativa e na Assembleia Nacional. Mas, apesar de tudo, a lei do sistema educativo dignifica o País.

Interessará ao Povo saber o que pensa Veiga Simão de António Spínola? A pergunta foi feita:

"S. I." — Só mais isto... gostávamos de registar uma opinião do professor a respeito do general António de Spínola...

V. S. — O general António de Spínola é um amigo meu. Conversámos muitas vezes sobre problemas nacionais e políticos quando ele desempenhava as funções de governador da Guiné e depois, e identificámo-nos sempre nos pontos de vista.

Tivemos oportunidade de avisar o leitor quanto à desordenação e disparidade das perguntas. A talhe de foice, veio à baila a Universidade de Moçambique.

"S. I." — Conhecemos a obra do professor em Moçambique. Não deve ignorar que, por altura da sua nomeação para ministro, os estudantes moçambicanos ficaram decepcionados com o novo reitor que o professor nomeou. Diziam que o M. E. N. lhes tinha prometido consultá-los. E parece que queriam, para a sua Universidade, o dr. Luís de Albuquerque. Recordar-se do incidente? (Na ocasião, a Associação Académica distribuiu comunicados: "O M. E. N. TRAÍU-NOS".)

V. S. — Recordo-me muito bem. Nesse período em que deixei a Universidade de Lourenço Marques, recordo-me de que... aliás é o meu entendimento... que os estudantes devem ter participação através de formas devidamente regulamentadas, no governo das Universidades. Com uma condição essencial: a de que toda a gente esteja convencida de que a principal função de todos, professores e alunos, é o trabalho. O dinheiro do povo não pode ser gasto em especulações que determinem o não trabalho. Tudo aquilo que se passa para além desse trabalho normal deve ser feito fora das horas de trabalho. Há coisas que eu, por vezes... isto é consideração que nada tem que ver com os estudantes de Moçambique...

"S. I." — Perfeitamente.

V. S. — Pois se as pessoas em vez de trabalharem seis horas trabalharem doze horas... o que têm de trabalhar. E este País só pode ser reconstruído se as pessoas tiverem consciência disso. No que respeita às nomeações dos reitores, eles não podem ser nomeados pelos estudantes... imponem os estudantes a nomeação de um reitor. O dr. Luís de Albuquerque era um grande

amigo meu, como o dr. Crespo era um grande amigo meu. Devo dizer que depois combinei com o presidente da Associação Académica de então uma certa forma de compromisso e a verdade é que o reitor que me sucedeu (dr. Vítor Crespo) foi um reitor de quem todos os estudantes gostaram. Como sabe. Quando efectivamente se promove a nomeação de alguém com responsabilidades, as coisas têm de se processar democraticamente e não por imposições de grupos, de uns sobre os outros. Doutra maneira, teremos formas demagógicas de Governo que, realmente, seriam terríveis se se implantassem em qualquer sector.

"S. I." — Em relação ao dr. Vítor Crespo, sabemos que ele proibiu publicações...

V. S. — Aliás... os estudantes foram grandes amigos dele.

"S. I." — Pois sim, mas os estudantes queixavam-se do facto de lhes haverem suspenso publicações como o "Diálogo" e a "Farpa" esta última editada pelos estudantes de Medicina...

V. S. — Mas isso já foi posteriormente.

Muitas perguntas deixaram de ser feitas ao prof. Veiga Simão. Por falta de lembrança, umas; por nos parecerem desnecessárias, outras. Na altura, entendemos que teria sido demasiado fácil, excessivamente cómodo perguntar-lhe, por exemplo, o que pensava o ex-M. E. N. dos milhões de criaturas (crianças e adultos) que, principalmente no Ultramar, não tiveram a mínima possibilidade de se sentarem num banco de escola; que pensava dos jovens que ainda hoje, no nosso País, em plena idade escolar (entenda-se em idade de frequentar a instrução primária) são obrigados a trabalhar como se fossem adultos, para maior equilíbrio do magro orçamento familiar; que pensava dos estudantes que sofreram nas prisões da P. I. D. E. D. G. S. toda a sorte de espancamentos.

Ainda assim, e salvaguardando embora as razões que assistem a muitos estudantes portugueses contra um regime ditatorial que haveria necessariamente de reflectir-se, com tremenda incidência, nas nossas Universidades, não nos parece legítimo ignorar que o prof. Veiga Simão foi talvez o único membro do Governo anterior não filiado na Acção Nacional Popular.

V. S. — Não sei se sou o único. Eu sei que não sou! Nunca fui e mantive sempre essa posição de perfeita independência e não sou filiado em qualquer organização política.

Quais as possibilidades do prof. Veiga Simão, que diz não ter interesse no Poder, num novo Governo que poderá ser antítese do outro, ou seja, de carácter socialista? Assistimos — assim parece — a uma divisão de opiniões entre os estudantes.

— O meu grande desejo é que estejam à altura da liberdade e da responsabilidade que vivemos neste momento. (Esta a mensagem do prof. Veiga Simão, que foi ministro da Educação Nacional.)

Entre portugueses no exílio

(Continuado da pág. 11)

geografia, mas do corpo. Tu gostas de estar onde te sentes bem.

Pois, responderei. Mas se o homem é condicionado pelas condições concretas da sua vida material, onde é que, na Suécia ou em Portugal, na França ou na Holanda, me sinto bem? É por isso que não posso concordar com o Tó quando, aqui sentado neste café de Upsala, me diz que todas ou quase todas as pessoas que fazem política, que se metem nas coisas, o fazem por compensação das suas frustrações ou por vaidade. E não posso, porque as minhas frustrações são em regra uma determinação do sistema, e, quer queira quer não, a este não posso fugir senão liquidando-o. Quando A. se interroga sobre a razão da sua militância a resposta só pode ser uma: porque não é feliz. E não o é — não se sente bem — porque tudo está organizado para que não o seja: o princípio do sistema é a realidade (a realidade dele, sistema), o princípio de A. é o prazer (o prazer dele, A.).

Por outro lado, tentar, como propõe o Tó, construir a alegria no interior do próprio sistema condicionante, "e apesar dele", é, pelo menos, para que seja verdadeira e eficaz, mesmo do ponto de vista do sujeito, uma tarefa difícil — e muito séria. De contrário, o que, depois de tudo, ainda fica, é a mesmíssima frustração e a mesmíssima impotência.

Para mim, entender a afirmação da Esmeralda — a política como substituto da solidão — é muito mais pôr em dúvida a sua experiência política (que admito tenha somado desilusão atrás de desilusão, quer por causa das pessoas quer por causa das ideias das pessoas) do que recusar a possibilidade de um percurso político cuja utilidade seja sistematicamente a destruição da solidão. Ou pelo menos o caminho dessa destruição. *As pessoas em Lisboa — dir-me-á ela —, até mesmo os meus melhores amigos, como o Zé Eduardo, não conheciam de mim senão um lado. E por isso nunca souberam das razões da partida. Aliás, o mais grave é que eu própria, hoje, tenho muitas dúvidas sobre tudo. Sei como toda a gente que há coisas para transformar, mas fui vendo muita porcaria pelo meio daqueles que se dizem dispostos a fazê-lo.*

À noite saímos. Estavam lá muitos — no movimento de apoio —, mas de tudo o que ficou? Aparentemente nada. Houve porém a tranquilidade do Rui e a descrição do Guido, irmão de Carlos Coutinho. Foram-me muito mais significativos do que o paleio de alguns dos outros: que atacar a esquerda — o Partido — é uma das tarefas mais importantes, que não sei quê, que não sei quê. Enoja-me suficientemente esta conversa, sobretudo quando é dita sobre meia dúzia de chavões já mais que gastos, para passar-lhe adiante e calar.

O regresso a casa foi contudo muito belo. Entre outras razões, porque foi aí que Esmeralda me disse a razão da saída de Portugal: numa sala vazia de tudo, ficou um dia nua. Em cada parede havia grandes espelhos, primores da P. I. D. E., e de cinco em cinco minutos alguém abria a porta, de cada vez uma pessoa diferente, e pedia desculpa, como se se tivesse enganado. O ritual era acompanhado por

expressões orais e físicas ao gosto de cada um. Assim foi durante um tempo que não sabe precisar. Um dia, inesperadamente, deram-lhe um prazo de uma semana por intervalo, em liberdade, para que falasse.

— Foi num deles que parti.

Entre esse tempo e hoje, diz, muitas esperanças morreram. Tantas que ela se refugia em casa, mais por vontade própria do que por causa da perna que partiu há meses. Tantas que, do que ajudou a criar, aqui, em Amsterdão, parece saber já poucas coisas, embora na noite em que lá fomos tivesse pedido que a avisassem da agenda para os tempos próximos. Tantas que ousa: sim, hoje penso muitas vezes que a política é a falsa razão que invento para a minha solidão.

Mas, Esmeralda: quando se chega aí, que força própria e alheia? Que vitória e que derrota? Porque aqui, Esmeralda, aqui, é importante saber quem ganha e quem perde. E não será propriamente fechando-te em casa que encontrarás a dupla possibilidade de estar viva e de estar de frente.

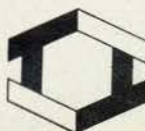
UPPSALA

Recebe um nome: António. Saberás que pelo seu corpo passaram cidades de esperança: Beja, Alger e outras mais longe e mais ditas. Dele, eu sabia a terra onde nasceu e um irmão. De notícias, sabia essas que se falam depois nos jornais. E sabia, também, coisas dispersas, as que escreveu, por exemplo.

Encontrar as pessoas, essas que viremos a querer, é muitas vezes um acidente de romance. Imagina alguém em férias numa vila do Norte, de um norte, lugar que procuraste para rigorosamente repensares os lugares e as coisas do ano inteiro. Imagina que trazias na mochila sobretudo isso: a vontade de arrumar ideias, de rever, de ficar atrás do vidro do tempo suficiente.

Imagina depois que na vila, na cidade, na terra te fixaste a antigos amigos, que começas a frequentar o mesmo café que eles, que pelo estado de espírito que trazias te vais por isso sentindo cada vez mais enredado numa vida que, afinal, é quase apenas o prolongamento da que vinha contigo, com a única diferença de que, em vez de sol, tens neve e em vez de calor, frio. Haverá aí um momento de ti em que farás um gesto largo e te meterás na noite da cidade, nos seus lugares mal iluminados, nos seus buracos, nos seus bares, nas suas ruas desertas às 3 da manhã — tal como fazias na tua terra mais ou menos frequentemente. Só que aqui não terás ninguém a essa hora.

Às tantas dás por ti numa avenida muito comprida e muito larga, coberta de neve, com árvores no meio — e um vulto lento, muito lento, a dobrar a esquina. Sentas a vontade suficiente de te aproximares e inventas o mais fácil: lume para o cigarro. Da boca sai-te o fumo da respiração e o momento de companhia é bom. Gostarias de ficar, mas todo o tempo que tens para isso é porém o de um fósforo que se acende. Não terás depois outra razão. Mas há um instante desse incidente em que simplesmente dás conta de que conheces a pessoa



THOMSON
frigoríficos • máquinas de lavar roupa e de louça

garantia sonipol

que está contigo. Pararás de puxar o fumo, tens os olhos levantados e fixas-lhe, pregado ao solo, p rosto. Perceberás logo em seguida que o conheces do país onde nasceste e da terra onde nasceste.

Para ele, contudo, que nunca te viu, tudo acabou e talvez até se sinta incomodado por teres parado a meio do caminho de acender o cigarro. Irá retomar o andar, tu ficarás estancado e será só quando ele já vai longe que correrás no seu alcance e dirás, em português: *Desculpa, eu conheço-te....* Ele parará, mas está visivelmente pouco à vontade. Tem aproximadamente 30 anos, o cabelo negro, rente, e veste de preto. No cimo do nariz, uma cicatriz, e os olhos correm em movimentos sucessivos de baixo para cima. Fuma com a mão esquerda e mantém a direita no bolso do sobretudo. São três horas da manhã, neva, tu agora tens a certeza de que conheces essa pessoa. Melhor: já sabes quem ela é. Há um silêncio prolongado depois do que disseste, o que de visível unicamente mexe são os olhos de facto intranquilos, mas seguros, dele. Repetes:

— *Eu conheço-te, de certeza.*

E pronuncias o nome de uma terra. Ouvirás então em francês:

Desculpe, deve estar enganado. E ele fará o gesto de quem vai continuar o caminho. Poderias ficar, a vê-lo afastar-se, mas insistirás: *Tu não me conheces, mas eu tenho a certeza de que te conheço. És uns anos mais velho, mas lembro-me de ti. E dizes o nome dele.*

António: entre o culto do mito e a interrogação das coisas há uma diferença que o Vítor não entendeu quando disse, para o ar, que estar sentado contigo na mesa ao lado e atento ao que contavas é correr atrás dos heróis. Ele utilizaria aliás a palavra mitologia e isso é que me autoriza a dizer não.

Não cultivo os heróis nem corro com os líderes: procuro pessoas.

Atenção: não é inútil falar disto. O aviso é para os que, olhando para aqui, pensem que o é. Porque há várias maneiras de se ser líder e uma delas é destruir, com paleio, tudo o que os outros fazem, condenando, para que no meio da condenação sobressaia o que condena. Depois inventam-se as teorias pseudojustificativas, se é que não se as desvirtua. E aí, do anarquismo à internacional situacionista, passando pelas que se possam arranjar, vale tudo. O que não vale são mesmo — os que dão o corpinho, MAS DÃO.

Eis porque não é inútil falar disto. Subjacente ao que aqui se fala há inevitavelmente uma visão do mundo. De honestidade. Tudo me é suficientemente complexo e inseguro para que ouse avançar mais a aproximação. Mas ao menos isto: que a carga da nossa raiva não vá para os que acreditam que ela não se derrubará à mesa do café ou sequer no domínio do princípio do prazer. Até porque nunca ninguém acreditou nisso, nem sequer aqueles cujos nomes são frequentemente invocados: Guy Debord e Raoul VaNeigem, por exemplo.

E, a este ponto, valerá a pena voltar.

António: depois de tudo o que me disseste e que te vi, que vou pensar? Quando se afirma, como afirmaste, que, depois de dez anos de tempo, te interrogas se valeu a pena, e fazendo-o no tom e com o rosto com que o fizeste — que me assalta?

Sei de cidades: Covilhã, Figueira da Foz. E que outras coisas sei... Ouvir-te agora aqui, agora que passarem três dias sobre a primeira noite, é ser obrigado a reconhecer a tua — a tua, a minha, a nossa — insuficiência, a complexidade do que queres, a força dos outros ou a fraqueza do modo com que procuras o que queres? *O mal disto tudo é que há paleio a mais e mãos a menos*, dirás. Falas todavia e ainda de esperança, de recomeçar tudo,

mas no percurso do que dizes há uma verdade maior: *Encontrei muita porcaria pelo meio. Quase tudo, mesmo. Hoje seria preciso recomeçar do zero, mas as pessoas cansam-se.* E citaste exemplos. Dos que pararam e dos que mudaram. Chegará durante a conversa a tua companheira argelina: o mesmo rosto de rugas, onde inventar um sorriso é uma tarefa de esperança. Falamos de ruas e de pessoas da mesma terra, a nossa, Faro, a infância. Chegaremos mais tarde a outros países — os de cá e os de lá. E, como a tanta outra gente, tudo te parece que em todos tudo está por fazer. *Não pode ser em nome da comida e da escolarização para todos que se deve falar de transformação*, dirás, para acrescentar: *Mas sim em nome da alegria e da liberdade. E tu olhas para onde quer que seja e tens que perguntar-te onde está ela. Falo-te por experiência, não por ler nos livros. Em muitos casos estive lá, no sítio, e vi como é. É por isso que digo: tudo está por fazer, e tudo que se fizer terá de ser diferente.*

Uppsala foi, nessas tardes de encontro, o caminho cheio de neve e largos intervalos de silêncio. Muito do que me dizias não o recebia com admiração: repetíamos coisas de que já falara outras vezes, com o Henrique, com o Correia Paulo, com o Benite, com outros. A Elsa, vagamente, em Paris. A Esmeralda, em Amsterdão. Só que essas horas traziam no seu rasto uma vida de dez anos, a tua, em que todas as origens te foram ficando irremediavelmente cada vez mais distantes. Para sempre, ou até um dia que não sabes. Em que tantas vezes jogaste tudo. Dirias: *A certa altura darás por ti longe de todas as coisas que não poderás deixar de recordar. Os teus amigos, os teus irmãos, a tua rua, a tua escola. A princípio nada disso tem significado, mas um dia começarás a sentir o peso dessas recordações. O que sou eu aqui, em Uppsala? Um estranho que chegou, que pede uma bolsa para estudar sueco, que depois passará a vida a lavar pratos ou coisa parecida, para sobreviver, porque não te darão mais nada, por seres estrangeiro. Em Paris sentes-te discriminado em tudo, até no momento em que compras o jornal. Precisas de aprender a não jogar à porrada em cada instante. Casarás possivelmente com uma estrangeira, que até pode ser uma boa companheira, mas não falarás nunca português com ela, e depressa darás porque isso te incomoda. Por último, se atrás de tudo isto tens a decepção e a tristeza de tantas esperanças falhadas, de tantas..., bem perceberás o que significa tudo isso...*

Tudo o que fizeres algum dia terá de ser diferente, repetirás, dizendo: *E eu acredito que será feito.*

Chade: reencontrar-te foi para mim em primeiro lugar a recordação daquele fim-de-semana na serra da Estrela, em que fomos expulsos de casa. Tudo o que se passou nesse dia e o que se lhe seguiu, a maneira como os dois estivemos lá do princípio ao fim, o que conversámos depois sobre o assunto, a longa caminhada que faríamos, tempos depois e para sempre, a caminho da Suécia tudo isso durante a minha viagem me veio mais de uma vez à memória, e em cada vez eu sentia um desejo grande de estar contigo. Simplesmente estar contigo. Numa cumplicidade que eu pensava tinha sido para sempre gerada nesses momentos. Logo na noite em que cheguei a Uppsala te queria ver, e no dia seguinte levantei-me irrequieto para ir a tua casa. Quando, finalmente, nos vimos no café, a alegria que senti fez-me ficar, tranquilamente, a olhar-te.

Os dias passariam, e agora, agora que pretendo reter as pessoas que neste percurso sucessivamente fui encontrando e o que elas me disseram — que sinto?

Antes de tudo, a ausência da tua antiga alegria.

Mas, mais do que tudo, a ausência da tua antiga ternura. Da primeira, dirias, quando, no autocarro, falámos disso: *Sim, reconheço que estou diferente. Só ainda passaram seis meses, mas eu próprio dou conta dessa diferença.* Explicarias porque: a impossibilidade de comunicação com os suecos, o clima, a distância da terra e dos amigos. Houve aliás um momento no café em que falaste disso com muita clareza: *O que se trata é de procurar viver o maior número possível de momentos agradáveis, mas no intervalo desses momentos está-se quase sempre muito só.* E acrescentavas que em Portugal conhecias mais pessoas, havia mais gente, e por isso era diferente.

Quanto à segunda, não sei se devo falar. Houve coisas de mais para a esperança que eu trazia e para o que de ti conhecia. Mas há uma interrogação que me sobra: pensas que eu gosto do frio, do cansaço, ou pensas (nunca terias de facto pensado?) que do que eu gosto é das pessoas com as quais posso estar no frio e no cansaço? Tu defendes como conceito geral de vida que o que é importante é que as pessoas se sintam bem, façam aquilo que lhes apetece, dentro do possível. Consideras-te apolítico e enraivec-te os militantes. Ignoro onde foste buscar a possibilidade dessa prática e não a compreendo à luz do que fizemos na serra da Estrela, por exemplo. Isso, todavia, talvez não me diga respeito. Mas isto diz-me: pensas que eu gosto do frio e do cansaço, ou pensarás antes, como devias pensar, que do que eu gosto é das pessoas com as quais, jogando, possa estar no frio e no cansaço?

DIGAMOS QUE B. É APENAS UM NOME

Lerias então no jornal. A notícia, de Gotemburgo, falar-te-ia de um nome, de uma idade e de uma origem. Acrescentaria talvez alguns pormenores: estava num café da praça Sveavägen, à hora de fechar. Um dos empregados teria reparado no seu aspecto pálido e de aflição, ter-se-ia aproximado e logo em seguida visto o último estertor do jovem. Em cima da mesa, ao lado da chávena de café que lhe fora servido, estaria um pequeno tubo, verde, de profuminas. As palavras nele inscritas eram em sueco, diria o criado, acrescentando para o círculo de pessoas que entretanto se formaria: *mas eu vi logo que se tratava de um estrangeiro. O cabelo negro, as feições do rosto...*

Por um absurdo que o hábito não pode explicar, alguém, digamos um repórter de secção ou um amigo do suicida interessar-se-ia pela notícia e tentaria reconstituir os seus últimos dias de vida, digamos mesmo os seus últimos tempos de vida. No seio desse percurso o investigador, que poderemos designar por A., encontraria, provavelmente, sinais contraditórios e factos incompreensíveis à luz do suicídio.

Saberia, por exemplo, que a vítima, um jovem português de 24 anos que deixara o seu país talvez oito meses antes (o passaporte que a Polícia lhe encontraria seria falso e não tinha data de saída de Portugal, mas haveria uma factura de uma pensão de Madrid), teria passado os últimos meses da sua vida numa vila do Norte da Suécia (onde lhe tinham dado uma bolsa de estudo para aprender sueco), na companhia de uma linda jovem, de quem esperava, mesmo, um filho.

A. pôde falar durante algumas horas com a jovem, e escreveria nos seus apontamentos que se tratava, além de uma mulher bonita, de uma pessoa terna e fervorosa, contrariamente até à generalidade dos suecos. Era estudante de biologia na Universidade local e recebia também uma bolsa para esse efeito. Durante a conversa com A.,



Canhões e soldados com flores. Uma aliança em que as pessoas depositam esperança para o futuro

Foto Eduardo Gageiro

afirmaria com frequência que era feliz e que julgava que o seu companheiro (que poderemos passar a designar por B.) também o era. Ele próprio o dizia — sublinhou —, mostrando uma grande actividade: escrevia artigos para o jornal de parede da escola, lia incansavelmente, organizava festas e, no entanto, daria a impressão, a quem não reparasse bem, de que passava a maior parte do dia no café onde se reuniam os portugueses que viviam na cidade e que igualmente usufruíam, na quase totalidade, de bolsas de estudo. As suas idades iam, mais ou menos, dos 20 aos 26 anos, e além de estudarem sueco pouco mais, ou mesmo mais, nada faziam. Juntavam-se no café, conversavam, seguiam, os que seguiam, as notícias do mundo e queixavam-se do frio e da falta de dinheiro. Sobre o futuro tinham, naturalmente, ideias muito vagas, dependia também do que acontecesse em Portugal — diziam. Sabiam no entanto que, na Suécia, poderiam estudar de graça durante vários anos, até mesmo se licenciarem, e que ainda receberiam dinheiro que, com cuidado, dava para a renda do quarto, para comer e para os cafés.

B., segundo teria podido averiguar A., parecia ser um tanto diferente. Além de se integrar na vida dos seus companheiros portugueses, isto é, mais ou menos, estar com eles, procurava prolongar na Suécia o interesse pelas coisas que já tinha no seu país. Daí a actividade de que falava a sua companheira, a quem, já agora, poderemos passar a chamar Eva.

No quarto onde B. costumava trabalhar, A. pôde ver livros de M. e L., de M.T.T., e C.G., de F. e R.D., de R.L. e B.B., além de outros, como Nietzsche e Hegel, Freud e ainda inúmeros romancistas e ensaístas portugueses. Duas estantes altas cheias de livros e de papéis. Folheando alguns, A. viu que frequentemente estavam sublinhados e com notas na margem, e nalguns casos havia mesmo folhas de apontamentos e de síntese entre eles. Havia ainda maços de textos soltos, de cartazes, e nos espaços vazios das paredes "posters" e desenhos de guerra e de amor. No chão, a um canto e cheio de pontos de interrogação e de exclamação, além de notas de cepticismo ou de surpresa ou ainda de esperança, via-se o enorme volume de capa cinzenta em que a Internacional Situacionista reuniu os doze ou treze volumes da

revista que publicou nos anos 60.

Eva referiria cada objecto ou conjunto de objectos de B. com uma palavra de recordação, de ternura ou de saudade, ou de tudo isso ao mesmo tempo.

Falando, digamos assim, do seu carácter, contaria que se tratava de um jovem apaixonado, com uma vontade de amar que nunca conhecera antes, e que lutava por aquilo a que chamava uma sociedade sem classes. Contou também que era raro ele zangar-se mas que, quando o fazia, punha nisso todo o vigor que nos outros momentos punha na ternura. Lutava contra a moral repressiva praticando diariamente uma moral oposta. Por vezes saía para o campo ou para a rua em passeios que no entanto raramente demoravam muito. Esse foi o aspecto que Eva, segundo diria, teve mais dificuldade em compreender-lhe, e também nunca soube o significado de um certo olhar que lhe conhecia, distante e imóvel. Perguntou-lhe uma vez se estava a lembrar da família, ou das ruas da sua terra, ou dos amigos, mas ele respondeu que não, que os amigos e a família e as ruas estavam lá e que ele estava cá, e que isso era tudo, isto é, que sobre isso nada mais havia a dizer. *Se percebe bem*, diria Eva ao nosso investigador, *acrescentou em seguida que o importante não são as pessoas e as coisas que estão longe, mas as pessoas e as coisas que estão perto, só que por vezes não se sabe bem o que cada um de nós há-de fazer, tantas são as contradições dessas coisas e dessas pessoas e do que elas dizem e fazem, do que ensinam*. B., revelaria Eva, citava nalgumas dessas vezes o que um dia lhe dissera um poeta do seu país, dos mais importantes e dos mais ditos, e para muitos mesmo o mais importante. Confessara-lhe ele que não escrevia sobre política, nem os livros de política lhe interessavam, mas apenas ficção, alguns filósofos e psicologia. E, no entanto, para B., esse era o poeta mais político, o que mais gostava de ler, aquele que dos que conhecia mais anunciava uma sociedade do futuro.

Continuando o percurso da vida de B., A. saberia ainda, provavelmente, que ele roubava com frequência, digamos mesmo diariamente, comida nos supermercados, para ele e para os amigos, sobretudo os produtos que um e outro não podiam comprar, por demasiado caros: carne, peixe, azeite, etc. Tentava também roubar roupa, se algum amigo

lhe dizia que precisava disto ou daquilo: umas luvas, um casaco contra o frio, por aí fora. Quanto aos bilhetes dos transportes, falsificava-os, com um líquido próprio, que compusera, e possuía um pequeno arsenal de falsificação de outros papéis. Tudo isto não para ganhar dinheiro mas para seu uso próprio ou para uso dos amigos que chegavam de novo, quase sempre com dificuldades de vária ordem, e que por eles não podiam vencer os diversos obstáculos da burocracia sueca para doação da bolsa e para o visto de estada.

Saberia também que nas festas que dava em sua casa ou em que participava na casa dos amigos, B. era quase sempre dos mais bem dispostos, incisivos e, digamos assim, amorais. Distribuiu carícias pela direita e pela esquerda — e não perdia uma oportunidade de ridicularizar alguma personalidade conhecida da política sempre que pertencesse a um Governo de direita.

Se, por piada ou convicção, alguém fazia o mesmo com políticos de esquerda, ficava calado, sem apoiar mas também sem protestar.

Para justificar a sua saída de casa, três dias antes do dia em que se teria suicidado, B. disse a Eva que precisava de repensar algumas coisas e que gostava de ir por uns dias para uma cidade diferente, provavelmente Gotemburgo, que ainda não conhecia e que passava por ser a mais aberta cidade da Suécia.

Nos dias que precederam imediatamente esta decisão, revelaria Eva, B. andara mais calado do que o costume, trabalhava muito menos e ia com nítido esforço às aulas, além de organizar menos festas. Contrariamente — diria a jovem ao nosso investigador — procurava-a mais do que era habitual e quando tinham relações sexuais punha nisso o ritual de um condenado que espera tranquilamente a morte no seu quarto. *A princípio não dei por isso, mas depressa o percebi, afirmaria. Não tive necessidade de dizer-lhe nada, mas relacionei essa espécie de desespero com o seu estado geral. Um dia, à noite, foi quando me disse que gostaria de partir por uns dias, só.*

A., o nosso investigador, viria também a saber, junto de um amigo de B., que este havia pouco tempo lhe confessara que não conseguia encontrar um sentido para a vida, nem quando se entregava à política, nem quando amava Eva, nem quando estava nas festas. Que se sentia confuso no meio de todos os pensamentos e estratégias que estudara nos livros, que sabia muito bem aquilo que não queria mas que não conseguia descortinar tão bem aquilo que queria, ou, melhor, aquilo que seria necessário haver, e, sobretudo, como se poderia conquistar isso. Que, no dia-a-dia, se esforçava por amar as pessoas, aquelas de quem gostava, mas que se sentia frequentemente traído nesse amor. Que na Suécia não sabia, frequentemente, como reagir, e que ultimamente se lembrava, cada vez mais, de Lisboa, do café, da Universidade, dos amigos, da noite, das esperanças. B. admitiu ainda, nessa conversa, segundo teria podido averiguar que não devia estar a raciocinar bem sobre os acontecimentos e as pessoas do seu círculo de vida, pois não conseguia compreender atitudes e palavras que para os outros eram normais mas que para ele pertenciam ao mundo que recusava e combatia, como os seus amigos diziam recusar e combater, ainda que de outros modos.

Na Polícia de Gotemburgo, A. viria a saber que B. foi preso na noite do próprio dia em que chegou à cidade, quando andava a passear no porto, por ter sido considerado suspeito, e que só tinha sido solto uma hora antes de ter entrado no café da praça SVEAVAGEN, de onde só saiu à hora de fechar, dirigindo-se à estação para tomar o comboio que o transportaria de novo ao Norte da Suécia, de regresso a casa.



ANO XXXVII — N. 1896 — Preço 10\$00
4 de Maio de 1974
SAI AOS SÁBADOS

Director: J. R. Redondo Júnior

Chefe da Redacção: Duarte Figueiredo

Subchefe da Redacção: Rogério Petinga

Redacção: Guedes de Amorim, Manuel de Lima, Carlos Plantier, Joaquim

Gaio, Teresa Mendes, Viriato Dias, Orlando Duarte Chagas, José Amaro

Fotografia: Eduardo Gageiro, Fernando Baião, Alfredo Cunha

Arranjo Gráfico: Luís Filipe da Conceição, Luís Filipe Pavão

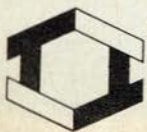
Colaboradores: Afonso Cautela, Ana Maria Lucas, Artur Varatojo, Edmundo

Motrena, Francisco George, José Manuel da Fonseca, Maria Antónia Palla,

Maria Leonor, Maria Helena de Freitas, Manuel Alves Matias, Teresa Figueira

Distribuição: Distribuidora "O Seculo", telef. 35152

"O Seculo Ilustrado" é uma edição semanal de "O Seculo". Redacção e Administração: R. de "O Seculo", 41 a 63 — Lisboa-2. Telef. P. B. X. 36 27 51. Telex. 1372. Oficinas: R. de "O Seculo", 41 a 63. Sucursal no Porto: R. Sá da Bandeira, 5. Propriedade: Sociedade Nacional de Tipografia.



THOMSON
frigoríficos • máquinas de lavar roupa e de louça

garantia sonipol

O LIVRO LIGA HOMENS ENTRE SI



LIVROS COM CRITÉRIO

Estampa
Seara Nova
Moraes
Teorema
Editorial República
Editorial O Seculo

distribuidores: O SECULO

**conheça
a Europa
em
auto
pullman**

Usando mais este
nosso serviço **TEM**:

- Transporte em moderno e confortável autocarro
- AUTOPULLMAN** de turismo
- Visitas e excursões acompanhadas de guia
- Refeições em viagem, incluídas
- Estadia em bons hotéis em quarto de duas camas com banho ou ducho
- Serviço de um acompanhador português em toda a viagem
- e...
- o apoio Wagons - Lits // Cook

UMA ORGANIZAÇÃO
polltur

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Wagons-Lits/Cook



UMA PELE FRESCA E SÃ

com a
cire aseptine

Substâncias naturais — meio ideal para tratar e embelezar a pele. Por isso os nossos Dermo-técnicos criaram a CIRE ASEPTINE, um produto maravilhoso, à base de extractos de flores e de óleo de calêndula. Para libertar a pele das impurezas e lhe fornecer os elementos nutritivos de que ela carece, use regularmente a CIRE ASEPTINE. O seu poder de penetração é excepcional: graças às substâncias naturais que entram na sua composição, a CIRE ASEPTINE faz desaparecer rapidamente as manchas avermelhadas, irritações e borbulhas, regenerando e aliviando a pele. A CIRE ASEPTINE dá à pele dentro de pouco tempo a suavidade e o encantador aveludado da juventude. Use diariamente a CIRE ASEPTINE e verá a sua pele adquirir uma tonalidade pura e leve e tornar-se realmente sã, fresca e macia.



cire aseptine

à base de substâncias naturais.

TÉCNICO ELETRICISTA

CURSO POR CORRESPONDÊNCIA

DINHEIRO • PRESTÍGIO • INDEPENDÊNCIA
ESTUDE EM SUA CASA NAS HORAS VAGAS E
GANHE DINHEIRO AO MESMO TEMPO!

OPORTUNIDADE DE OURO: Pagando pequenas mensalidades, Você, em pouco tempo, estará apto a ingressar numa profissão altamente rendosa e de grande futuro.

CURSO SIMPLES E PRÁTICO

Você já pensou que cada vez há maior necessidade de Técnicos Eletricistas em todo o mundo?

Você aprenderá, num instante, a fazer instalações, consertos de aparelhos eletrodomésticos e uma infinidade de trabalhos muito lucrativos. Num instante: durante o Curso Você já estará ganhando dinheiro!

GRÁTIS:

Lâmpada Teste, Carteira do Estudante, Belíssimo DIPLOMA, Serviço Permanente de Consultas.

DIPLOMA

Seu diploma será um orgulho e poderá ser obtido em apenas 6 meses.

INSTITUTO DIMEP
RUA EMÍLIO NAVARRO - LUSO (PORTUGAL)

Solicite enviar-me, grátis, livreto ilustrado.

NOME
MORADA
LOCALIDADE

3

**PRODUTOS DE ALTA
QUALIDADE**

Amendoim ISRAEL
Arroz TREVO
Especiarias TREVO

**LEIA
O "MODAS
E BORDADOS"**

SENSACIONAL!
mais
Madeira!

viagens
semanais
em aviões a jacto
especialmente
fretados

SAÍDAS:
JUNHO - 21
JULHO - 1-8-15-22-29
AGOSTO - 5-12-19-26
SETEMBRO - 2-9-16-23-30
OUTUBRO - 7-14-21

Preços desde

UMA SEMANA **2.500\$00**
DUAS SEMANAS **2.990\$00**

INCLUINDO

- Viagem de ida e volta
- Dormida e pequeno almoço
- Transporte aeroporto/hotel/aeroporto no Funchal
- Assistência especializada durante toda a viagem

uma promoção

FACILIDADES DE CRÉDITO

faça JÁ a sua inscrição
NORTUR/PM TURISMO
PORTO: Rua Nova Fátima, 82 - Tel. 2787777777
LISBOA: 8 Avenida Sagres, 8 - Tel. 3427777777

NUNCA A MADEIRA ESTEVE TÃO PERTO DE SI!



Terylene a moda mundo

Insista para que lhe mostrem a etiqueta
ela é a sua defesa!



Fato em Terylene lá confeccionados por: *Sincel*